

Érica Amorim
Thiago Eugênio Gomes
(orgs.)

COLEÇÃO ABACABA

minicontos inspirados na jornada do herói



ypú



editora
UEA

COLEÇÃO ABACABA

minicontos inspirados na jornada do herói



Ypú é um selo da *editora* **UEA** dedicado a obras literárias. A palavra em nheengatu, língua geral amazônica, significa “*olho d’água*”. A nascente é onde começa a deságua de um rio e simboliza o “nacer” artístico e literário das publicações desde seu prólogo até seu posfácio.



Governo do Estado do Amazonas

Wilson Miranda Lima

Governador

Universidade do Estado do Amazonas

André Luiz Nunes Zogahib

Reitor

Kátia do Nascimento Couceiro

Vice-reitora

editora **UEA**

Isolda Prado de Negreiros Nogueira Horstmann

Diretora

Maria do Perpetuo Socorro Monteiro de Freitas

Gerente

Wesley Sá

Editor Executivo

Raquel Maciel

Produtora Editorial

Isolda Prado de Negreiros Nogueira Horstmann (Presidente)

Adriana Távora de Albuquerque Taveira

Carlos Mauricio Seródio Figueiredo

Gislaine Regina Pozzetti

Josefina Diosdada Barrera Khalil

Katell Uguen

Orlem Pinheiro de Lima

Silvia Regina Sampaio Freitas

Vanúbia Araújo Laulate Moncayo

Conselho Editorial

Érica Amorim
Thiago Eugênio Gomes
(orgs.)

COLEÇÃO ABACABA

minicontos inspirados na jornada do herói



ypú



editora
UEA

Wesley Sá
Coordenação Editorial

Rebekah Pereira
Projeto gráfico

Renata Baltazar
Wesley Sá
Revisão

Raquel Maciel
Diagramação

André Teixeira
Raquel Maciel
Sindell Amazonas
Finalização

Rebekah Pereira
Ilustração da capa

Todos os direitos reservados © Universidade do Estado do Amazonas
Permitida a reprodução parcial desde que citada a fonte

Esta edição foi revisada conforme as regras do Novo Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa

C689

2025

Coleção Abacaba: minicontos inspirados na jornada do herói / Organizadores: Érica Amorim; Thiago Eugênio Gomes. 1. ed. – Manaus (AM): Editora UEA, 2025.

123 p.: il., color; 21 cm. [E-book]

Formato PDF

ISBN 978-85-7883-774-7

Inclui referências bibliográficas

1. Minicontos. 2. Literatura. 3. Contos Amazônicos. I. Amorim, Érica (org). II. Gomes, Thiago Eugênio (org). III. Título.

CDU 1997 - 82(811.3)

Elaborada pela bibliotecária Sheyla Lobo Mota CRB11/484



*editora***UEA**

Av. Djalma Batista, 3578 - Flores | Manaus - AM - Brasil

CEP 69050-010 | +55 92 99205-8858

editora.uea.edu.br | editora@uea.edu.br

AGRADECIMENTOS

Ao curso de Licenciatura em Letras Língua Inglesa Mediado por Tecnologia, da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), representado pelas coordenadoras Profa. Dra. Vanúbia Moncayo e Profa. Ma. Elisabeth Costa, pelo incentivo à produção acadêmica.

Ao Gerente do Núcleo de Ensino Superior de Careiro Castanho (NESCAC), Sr. José Ramos e ao Diretor do Centro de Estudos Superiores de Itacoatiara (CESIT), Prof. Dr. Luís Antônio Pinto, pela acolhida e pelo apoio local.

Finalmente, aos alunos das turmas de Licenciatura em Letras — Língua Inglesa, dos municípios de Careiro Castanho e Itacoatiara, por sempre embarcarem nas nossas propostas de “aventuras acadêmicas”.

Érica Amorim
Thiago Eugênio
Organizadores

SUMÁRIO

10

Apresentação

19 Porã, o herói de Careiro

21 Porã, Careiro's hero

🌿 *Jaiana Moura*

🌿 *Rayna Cavalcante*

23 A busca pelo muiraquitã

25 The quest for the muiraquitã

🌿 *Dayanne Falcão*

🌿 *Gabrielly Portugal*

27 A Andorinha Corajosa

29 The brave swallow

🌿 *Hanaíra Pedrosa*

🌿 *Antônio José Lima*

31 Nasce uma Guardiã da Floresta

34 A Forest Guardian is Born

🌿 *Carla Karolina Carvalho*

🌿 *Dieni Rebouças*

37 Naurú e a libertação do céu

39 Nauru and the sky liberation

- 🌿 *Karen Pricila Lima*
- 🌿 *Lizandra Souza*

41 O amuleto da esperança

43 The amulet of hope

- 🌿 *Maria do Carmo Gomes*
- 🌿 *Patrícia Lima*

45 A névoa de Ternura do Sol

47 The mist of Ternura do Sol

- 🌿 *Geiziane Silva*
- 🌿 *Thaise Silva*

49 A lenda de Arandu

54 Arandu Legend

- 🌿 *Emilly Menezes*
- 🌿 *Vitória Gomes*

59 A jornada de Moema e Potira

62 Moema and Potira journey

- 🌿 *Ana Beatriz Pinheiro*
- 🌿 *Ruana Nicolley Marques*

65 A deusa da chuva e a seca

67 The rain goddess and the drought

- 🌿 *Elias Maciel*
- 🌿 *Neire Cardoso*

69 Filhos do rio

75 Children of the river

- 🌿 *Luzia Célia Santos*
- 🌿 *Rogério Hermano Silva*

81 A casa do gavião

83 The hawk home

- 🌿 *Manoelle Carvalho*
- 🌿 *Jean Silva*

85 Kairã, o guerreiro Mura

87 Kairã, the Mura warrior

- 🌿 *Marivânia Stefany Nogueira Belém*
- 🌿 *Jairo Martins Ferreira*
- 🌿 *Maria Vitória Castro da Silva*
- 🌿 *Daiane Castro Rodrigues*

89 O Protetor da Floresta

91 The Protector of the Forest

- 🌿 *Michael de Souza Lima*
- 🌿 *Madeson Alves de Freitas*
- 🌿 *Rafael Raposo Ramos*

93 Santiago, o herói do povo

95 Santiago, the hero of the people

- 🌿 *Tayane Neves Lopes*
- 🌿 *Artemiza Oliveira Lima*
- 🌿 *Alex Dilson Vasconcelos da Silva*
- 🌿 *José Everton Maia da Silva*
- 🌿 *Jhulyane Cristine Silva Santos*

97 Naira

99 Naira

- 🌿 *Lealssis Felipe do Nascimento Serrão*
- 🌿 *Reynaila Miranda dos Santos*
- 🌿 *Beatriz Viana Soares*

101 Akãwera

104 Akãwera

🌿 *Sara Rebeca Ramos Santos Sales*

🌿 *Eduarda da Pena Fonseca*

🌿 *Heloisa dos Santos Pereira*

107 O Valor de Tomé

109 The Value of Tomé

🌿 *Gizele Medeiros da Cruz*

🌿 *Luís Henrique Pereira Pinto*

111

Referências

113

Sobre os organizadores

114

Sobre os autores

APRESENTAÇÃO

O espaço que ocupamos e as histórias que contamos

Nós, os organizadores da Coleção Abacaba de minicontos inspirados na jornada do herói, somos professores universitários do curso de Licenciatura em Letras — Língua Inglesa Presencial Mediado por Tecnologia, oferecido pela Universidade do Estado do Amazonas em 15 municípios do interior do estado desde 2023. Durante o segundo semestre de 2024, como professores das turmas dos municípios de Careiro Castanho e Itacoatiara, fomos incumbidos de ministrar a disciplina Literatura Inglesa I, cujo objetivo central foi apresentar e discutir os períodos literários das ilhas britânicas desde a Idade Média até o início do séc. XVI, contemplando obras sob a perspectiva da evolução da língua inglesa, a saber, o inglês arcaico (Old English) até o inglês médio (Middle English).

Nosso maior desafio, a despeito da pesquisa bibliográfica que envolvia história, linguística e teoria literária, foi levar para as turmas uma experiência com obras em língua estrangeira que fizesse sentido para além do conjunto de saberes considerados “enciclopédicos” ou técnicos. Nosso desejo, em primeiro lugar, era que os discentes pudessem se envolver verdadeiramente com os textos em sua totalidade, aproximando-os do que Rezende *et al.* (2024, p. 27) consideram como ensinar literatura:

Identificação, empatia, acesso a alteridade – eis práticas decorrentes da leitura que podem iluminar um momento na direção do ensino da literatura que leve o estudante a se colocar no lugar do outro, seja este uma personagem, um narrador ou até uma ideia.

Os estudantes dos municípios mencionados são, em quase sua totalidade, egressos das redes públicas de ensino, muitos advindos de escolas rurais em que há escassez de bibliotecas e/ou professores especializados que possam facilitar o desenvolvimento de uma cultura literária. Esta precariedade da educação básica na escola pública, no que tange a literatura, é amplamente discutida em pesquisas sobre o currículo escolar. Dalvi (2024) critica o reducionismo imposto ao papel da literatura, bem como outras áreas do conhecimento consideradas acessórias na escola, em favor da contínua valorização de um conjunto de competências e habilidades de caráter estritamente prático, sem espaço para reflexões aprofundadas, influenciando a formação dos estudantes que em determinado momento se deparam com discussões sobre teoria literária e o papel sócio-histórico da poesia e da prosa e fazem este questionamento ao professor “Pra quê estudar isso?” — o isso, nesse caso, referenciando a literatura como coisa de pouco valor ou de pouca importância para o mundo do trabalho.

Diante deste cenário, optamos por apresentar os textos literários como oportunidades de apreciação e reflexão sobre os temas abordados nas obras e como estes se desenvolveram ao longo da história até chegar à contemporaneidade. Por exemplo, por meio de poemas como *Nothing is Permanent* (atribuídos a Alfredo, O Grande) ou *The Wife’s Lament* (de autoria desconhecida), ambos escritos no período medieval (Greenblatt & Abrams, 2005). Discutimos sobre o conflito entre religiões nórdicas e cristãs e o papel da mulher no período naquela época para, em seguida, debater sobre os mesmos temas no contexto atual. Também nos valem de análises comparativas entre textos do cânone britânico, como *The Exile* e *The Canterbury Tales*, com obras populares de autores, como Taylor Swift e Renato Teixeira. As estratégias coadunam com a interpretação da experiência literária como um fator de “iluminação” e “autoconsciência” (Lazar, 2013) em oposição ao mero entretenimento casual, desprovido de valor simbólico.

Ao adentrar o período dos romances de cavalaria dos sécs. XII ao XV, vimos a oportunidade de introduzir conceitos mais aprofundados por meio da análise da estrutura das obras: espaço, personagens, tempo, temas etc. Apresentamos então a tese do “monomito” postulada por Joseph Campbell



e a associamos a obras literárias e cinematográficas contemporâneas que seguem os mesmos parâmetros de histórias heroicas clássicas.

A recepção positiva deste conteúdo nos incentivou a dar um passo adiante e desafiar os discentes a materializarem os conceitos aprendidos por meio da escrita literária (Rezende *et al.*, 2024) ao requisitar a elaboração de minicontos que reproduzissem o monomito e a estrutura literária clássica em um contexto local, como o amazônico. Como forma de “inspiração”, determinamos que os textos seriam uma das avaliações parciais do componente curricular Literatura Inglesa I.

Escrever contos impôs a nós, professores e alunos, um novo desafio. Como Rezende (2018) chama atenção, os documentos norteadores da educação brasileira para o componente Língua Portuguesa, ainda que incorporem a perspectiva da leitura literária, se eximem da prática escrita afora características instrumentais, voltados a gêneros textuais pragmáticos como a escrita de um e-mail, uma carta de recomendação, sem espaço para a escrita literária. Sendo assim, como desenvolver os contos em um contexto de pouca ou nenhuma prática de escrita criativa?

Recorremos a práticas baseadas nas metodologias ativas e na pesquisa-ação, que, de acordo com Thiollent (2011, p. 32), desempenham um papel de “bússola” na atividade dos pesquisadores. Nosso papel no processo foi exatamente esse, fomos “bússolas”, facilitadores da criatividade dos estudantes. Apoiando-os no desenvolvimento das ideias e conduzindo-os nas etapas de escrita.

Ao longo das leituras e discussões, instigávamos os estudantes a falarem e escreverem sobre o próprio contexto, o lugar de onde vieram e a percepção que tinham do tempo e das pessoas a partir daquilo que experimentavam nas obras de literatura inglesa. Buscamos fazer com que eles compreendessem que a ficção parte de cenários e histórias reais que refletem a cultura, a sociedade, a história e ainda a geografia nas quais os autores estão inseridos (Burgess, 1996), mesmo que a obra se passe em outros mundos e épocas.

Ao analisar o temperamento dos ingleses, por exemplo, o escritor Antony Burgess afirma:

Os ingleses são considerados conservadores, avessos à mudança [...]. Os ingleses são, de fato, uma mistura curiosa e a sua literatura reflete as contradições do seu caráter. Os rebeldes e excêntricos ingleses - pessoas como (Mary) Shelley, (Lord) Byron e (William) Blake - são tão típicos como aquelas pessoas teimosas, em geral monótonas que ficam em casa e jamais mudam de opinião durante a vida (Burgess, 1996, p. 19).

Já sobre a geografia de seu país de origem, o autor comenta:

A Inglaterra é uma ilha [...] banhada por um mar frio e tempestuoso [...]. A paisagem da Inglaterra é variada - montanhas e lagos e rios -, mas seu efeito uniforme é de uma suavidade verde colinas perto do mar, fazendas e florestas [...]. O predomínio do mar e a terra formam o clima inglês. Nos trópicos, não há estações a não ser o tempo chuvoso e o tempo seco, mas na Inglaterra temos a noção da Terra se afastando e se aproximando do sol - primavera, verão, outono, inverno e as festas associadas a estas estações. A espera da primavera é um tema comum para os poetas ingleses e o Natal, a festa do inverno, é a própria essência de Charles Dickens. O ano cristão na Inglaterra é o próprio ano natural - a ressurreição da terra na Páscoa, a esperança de uma nova vida expressa na alegria do nascimento de Cristo na época morta do ano. Quatro estações distintas, mas todas relativamente suaves (Burgess, 1996, p. 18).

Quais seriam então o temperamento dos careirenses e dos itacoatiarenses? Que características geográficas marcantes poderiam influenciar a criação de histórias nestes dois municípios? Convidamos as turmas a debaterem sobre essas perguntas como forma de aumentar a percepção dos alunos acerca do lócus e da sociedade em que estão inseridos de modo que eles pudessem escrutinar mais as obras apresentadas no decorrer das aulas e assim, haver maior consciência literária no processo de escrita dos próprios contos. Além desta, lançamos mão de outros

recursos multimodais como cinema, videoclipes musicais, quadrinhos e até mesmo videogames, gerando insumos que permitissem aos escritores transformarem a informação adquirida nas aulas em tópicos que os interessassem pessoalmente ao ponto de torná-las significativas na elaboração de novos textos com novos sentidos (Kress, 2010).

É importante destacar que o trabalho pedagógico abordou a leitura e a escrita tendo em perspectiva o conceito de literatura considerada como um tipo de escrita bastante valorizada que, no entanto, tem seu conceito do que é e do que não é literatura instável, ou seja, varia de acordo com as percepções que o público tem sobre o que seria um texto de valor literário ao invés de uma forma, uma linguagem ou características definidoras. Um texto considerado literário em uma época tem seu valor alterado num momento posterior e vice-versa (Eagleton, 2006).

O resultado deste esforço coletivo de letramento literário está nos minicontos que apresentamos a seguir. Cada história carrega em si um pouco da vivência dos autores alinhados ao conhecimento que adquiriram sobre literatura em sala de aula, combinados a elementos da mitologia de povos indígenas amazônicos (Yamã, 2007) e aliados a saberes tradicionais que foram transmitidos oralmente nas conversas cotidianas nos espaços que ocupam, seja na área urbana ou nas comunidades rurais que compõem os municípios de Careiro Castanho e de Itacoatiara.

Cavaleiros, heróis e abacabas

Os romances de cavalaria foram um gênero que se disseminou na Europa a partir do séc. XII. As histórias versam sobre atos heroicos de cavaleiros trajando armaduras metálicas, montados em cavalos de guerra que partiam de seus castelos para enfrentar desafios em nome da justiça ou do amor de uma donzela.

No contexto inglês, influenciado pelos relatos de feitos do rei francês Carlos Magno, levadas aos britânicos pela aristocracia normanda (ligados à corte francesa), as histórias do Rei Artur e seus Cavaleiros da Távola Redonda se popularizaram e apresentaram personagens e seres fantásticos que reverberariam na cultura mundial permanentemente.

Essas aventuras se baseavam em lendas galesas sobre um guerreiro britânico que combateu invasores estrangeiros entre os séculos V e VI, resgatadas e adaptadas durante o período conhecido como inglês médio (Middle English) por autores como Geoffrey de Monmouth, Marie de France, Chrétien de Troyes e, principalmente, Sir Thomas Malory, autor de *Le Mort D'Arthur*, obra mais famosa e influente do chamado ciclo arturiano ou matéria da Bretanha (Franca Neto; Milton, 2009).

Os espaços e os personagens podem ser considerados anacrônicos em relação ao período retratado (sécs. V a X). As armaduras brilhantes, os castelos, as cortes, bem como o teor cristão das buscas, refletiam muito mais a sociedade e os valores da nobreza do tempo em que foram concebidas (sécs. XII a XV). Apesar disso, a lenda do Rei Artur segue prestigiada e motivo de releituras e novas adaptações até hoje.

Joseph Campbell (1997), em seu livro *O Herói de Mil Faces* (*The Hero With a Thousand Faces*), analisou mitos e histórias de diferentes países e épocas e identificou um padrão em comum. Esse padrão descreve uma estrutura narrativa que aborda a trajetória arquetípica e recorrente em inúmeras culturas ao redor do mundo, centradas em um “herói” ou “santo” que está destinado a grandes feitos. O herói representaria, portanto, as aspirações humanas mais antigas e primitivas, passadas de geração para geração por meio de histórias não raramente fantásticas.

O herói, por conseguinte, é o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas. As visões, idéias e inspirações dessas pessoas vêm diretamente das fontes primárias da vida e do pensamento humanos. Eis por que falam com eloqüência, não da sociedade e da psique atuais, em estado de desintegração, mas da fonte inesgotável por intermédio da qual a sociedade renasce. O herói morreu como homem moderno; mas, como homem eterno aperfeiçoado, não específico e universal, renasceu. Sua segunda e solene tarefa e façanha é, por conseguinte (como o declara Toynbee e como o indicam todas as mitologias da humanidade), retornar ao nosso meio, transfigurado, e



ensinar a lição de vida renovada que aprendeu (Campbell, 1997, p. 30).

Por ser um tipo de história facilmente reconhecível e relacionável por indivíduos de diferentes culturas, o conceito da “jornada do herói” passou a ser utilizado também em enredos ficcionais modernos como romances, filmes, videogames e séries de TV (Anaz, 2020). Essa estrutura narrativa possui as seguintes etapas que podem ser representadas em sua totalidade ou não (Campbell, 1997):

1. Nascimento: O herói é gerado em circunstâncias fabulosas; sua infância estabelece as bases de seu *ethos*, seu comportamento e caráter.

2. Chamado à Aventura: O herói é apresentado a um desafio que precisa ser superado. Inicialmente, ele hesita e recusa o chamado à aventura devido a medos, inseguranças ou um desejo de permanecer em sua zona de conforto.

3. Encontro com o mestre/amuleto: O herói encontra um mentor que o ajuda a preparar-se para a jornada. O mentor sábio oferece conselhos, recursos, um amuleto ou treinamento e é crucial para ajudar o herói a superar suas dúvidas e inseguranças.

4. Travessia: O herói finalmente aceita o chamado e cruza o “limiar” para o mundo desconhecido (o mundo da aventura). Este é o ponto de entrada no novo ambiente, onde as regras e as expectativas são diferentes de local de origem.

5. Provações: No novo mundo, o herói enfrenta uma série de desafios e provas. Ele enfrenta inimigos e obstáculos que tentam impedi-lo de alcançar seu objetivo. Essas interações são importantes para o desenvolvimento do herói.

6. Auxiliares: É comum o herói ter a companhia de amigos leais que o auxiliam ao longo das provações. É possível ainda o encontro com seres sobrenaturais que cumprirão a mesma função pontualmente.

7. Clímax: O herói enfrenta uma crise ou um teste crítico, muitas vezes um confronto direto com o vilão ou uma prova que exige todo o seu poder e coragem. Esta é a parte mais intensa e determinante da jornada.

8. Recompensa (O Elixir): Após superar a provação, o herói ganha uma recompensa. Pode ser um objeto mágico, conhecimento especial ou uma nova compreensão sobre a vida. A recompensa é fruto das lutas, dos desafios e é o que permite ao herói completar sua missão.

9. Voo: Após concluir a missão, o herói deve retornar ao limiar da aventura e se preparar para a volta para casa. A depender da forma como obteve a vitória, o herói regressa em um voo rápido ou de maneira conturbada.

10. Retorno ao lar: O herói retorna à vida cotidiana, agora transformado e de posse do novo poder/conhecimento adquirido. Ao compartilhar a graça com sua comunidade, ele beneficia a todos, prenunciando mudanças significativas ao mundo comum.

A Coleção Abacaba: minicontos inspirados na jornada do herói é composta por 18 histórias, que estão apresentadas em português e em inglês, inspiradas no formato da narrativa do monomito de Campbell. Nessas histórias, o personagem principal é uma referência para o público, sempre enfrentando e superando desafios para tornar-se, enfim, numa lenda. Demos aos autores liberdade criativa para desenvolverem seus minicontos de maneira que fosse satisfatório para eles mesmos. Como organizadores e editores, procuramos enriquecer os textos com mais informações sobre a região amazônica, nossos costumes, nossos mitos sem, no entanto, tolher as ideias originais. Afinal, como afirmamos anteriormente, reconhecemos a influência do mundo que rodeia estes discentes tornados escritores na concepção das narrativas.

Escolhemos a palavra “abacaba” para nomear esta coleção por um motivo especial: ela tanto se refere a uma fruta típica do Amazonas — saborosa e nutritiva — quanto a “histórias inventadas” que as pessoas contam umas às outras. Podemos acreditar nelas ou não.

Esperamos que vocês também embarquem nessas aventuras e se sintam motivados a criar suas próprias histórias. Acreditamos que a literatura não é um bem inalcançável ou ainda que deve obedecer a determinados padrões estéticos/teóricos para, assim, obter valor literário. A experiência da leitura e da escrita literárias deve ser um caminho aberto para todos conhecermos a nós mesmos por meio dessas

histórias inventadas, essas “abacabas” que tanto refletem sentimentos muitas vezes só reconhecíveis depois de vê-las retratadas em outros mundos (Burgess, 1996).

Érica Amorim e Thiago Eugênio Gomes
(organizadores), com a colaboração das alunas
Rosiele Carvalho, Evelyn Glenda Borges,
Daniele Presley, Geovana Melo e Arícia Azevedo



PORÃ, O HERÓI DE CAREIRO

*Jaiana Moura
Rayna Cavalcante*

No vilarejo de Careiro, havia uma grande aldeia. Seu líder era o famoso Porã. Ele era muito bonito, tinha cabelos longos e pretos, os olhos tinham a cor da noite, e seu físico chamava atenção por onde passava.

Ele gostava de passear sob à luz do luar pelo pequeno vilarejo. Em uma noite, ele avistou algo no rio. A coisa parecia ser Boiúna. Então, Porã foi se aproximando e quando ficou frente a frente com a criatura, percebeu que, de fato, estava certo, era a cobra grande. Tinha os olhos que irradiavam uma luz poderosa, e ela não estava sozinha.

— Oh, criatura, o que fazes em minhas terras? — disse Porã.

— Vá embora, grande líder, ou serei obrigada a comê-lo.
— disse Boiúna com um sorriso horripilante entre os lábios.

Foi então que Porã percebeu que a pessoa que estava com Boiúna estava morta. O grande líder, tomado pela coragem, pegou sua lança e atacou rapidamente a cobra, que revidou na mesma hora.

— Ora cobra insolente, como ousa atentar contra a vida de seu líder?

— Você não é meu líder, eu moro em boiaçuquara, a morada da cobra grande, e lá a líder sou eu!

Porã não ficou nada contente em ouvir isso. Partiu mais uma vez em direção à cobra, e conseguiu fincar a lança na cabeça do animal, e Boiúna voltou para dentro do rio.

Porã retornou à aldeia e contou a todos o que havia acontecido.

— Fiquem atentos, pois ataquei Boiúna e temo que ela volte!

— Sim, grande líder!

Porã e todos na aldeia esperaram a noite inteira, mas Boiúna não apareceu. Ela estava se recuperando em boiaçuquara.

— Porã se arrependerá do que fez a mim! Quando me recuperar, atacarei sua aldeia!

Enquanto isso na aldeia...

Porã foi até à oca de seu melhor amigo, Acauã.

— Estou esperando Boiúna vir, vou terminar de acabar com ela e farei isso com um só golpe!

— Não acho que seja prudente começar uma guerra com Boiúna, não sabemos do que aquela criatura é capaz. — disse Acauã preocupado.

— Ela que não sabe do que eu sou capaz! — disse Porã confiante e retornou para sua oca.

Chegando lá, Porã avistou ao longe uma movimentação estranha no rio. Até que aquela movimentação tomou forma e ele viu que Boiúna estava rondando a aldeia. Porã correu para avisar a todos e pegar sua lança.

— Fiquem a postos! Ela está vindo!

Porã pegou sua lança e correu para perto do rio. Boiúna estava se aproximando e fazendo um grande rebojo, assustando toda a aldeia. Porã correu para enfrentá-la, tentou golpear a cobra com a lança, mas ela conseguiu se esquivar e golpeou Porã. Ele caiu, Boiúna foi para cima dele e disse.

— Eu disse que você iria se arrepender, Porã. — disse Boiúna com desdém.


Porã então levantou-se a toda velocidade e subiu em cima da cobra, golpeando e, com as próprias mãos, arrancou-lhe os olhos. A cobra urrou de dor, Porã aproveitou-se de sua fragilidade e fincou a lança na cobra, desta vez acertando-lhe o coração. Boiúna foi direto para o fundo do rio. Então toda a aldeia comemorou a vitória de seu grande líder.





PORÃ, CAREIRO'S HERO

Jaiana Moura
Rayna Cavalcante



In Careiro, there was a large indigenous village led by the famous Porã. He was very handsome, with long black hair and color night eyes. His physique drew attention wherever he went. He enjoyed strolling under the moonlight through the small village. One night, he saw something in the river that looked like Boiúna. As Porã approached and came face to face with the creature, he realized he was right; it was the great snake, with eyes that radiated a powerful light, and it was not alone.

“Oh, creature, what are you doing in my lands?” Porã asked.

“Leave, great leader, or I will be forced to eat you,” Boiúna said with a horrifying smile on its lips.

Porã then noticed that the person with Boiúna was dead. Filled with courage, he grabbed his spear and quickly attacked the snake, which retaliated immediately.

“Oh insolent snake, how dare you threaten the life of your leader?”

“You are not my leader. I live in Boiaçuquara, the home of the great snake, and there I am the leader!”

Porã was not pleased to hear this and charged at the snake once more, managing to pierce the animal's head with his spear, causing Boiúna to retreat into the river.

Porã returned to the village and told everyone what had happened.

“Stay alert, because I have attacked Boiúna, and I fear she will return!”

“Yes, great leader!”

Porã and everyone in the village waited all night, but Boiúna did not appear. She was recovering in Boiaçuquara.

“Porã will regret what he did to me! When I recover, I will attack his village!”

Meanwhile, in the village...

Porã went to his best friend’s hut, Acauã.

“I am waiting for Boiúna to come. I will finish her off with a single blow!”

“I don’t think it’s wise to start a war with Boiúna. We don’t know what that creature is capable of,” Acauã said, worried.

“She doesn’t know what I am capable of!” Porã said confidently and returned to his hut.

Upon arriving, Porã saw a strange movement in the river from afar. As the movement took shape, he saw that Boiúna was circling the village. Porã ran to warn everyone and grab his spear.

“Stay ready! She is coming!”

Porã grabbed his spear and ran to the river; Boiúna was approaching, creating a great whirlpool and scaring the entire village. Porã ran to confront her, tried to strike the snake with his spear, but she managed to dodge and struck Porã. He fell, and Boiúna came at him.

“I told you that you would regret it, Porã,” Boiúna said disdainfully.

Porã then quickly got up and climbed on top of the snake, striking and tearing out her eyes with his bare hands. The snake roared in pain, and Porã took advantage of her weakness, driving the spear into her heart. Boiúna sank to the bottom of the river. The entire village then celebrated the victory of their great leader.



A BUSCA PELO MUIRAQUITÃ

*Dayanne Falcão
Gabrielly Portugal*

Em uma comunidade distante, havia um jovem chamado Apoena, filho de um poderoso xamã. Desde pequeno, Apoena ansiava por aventuras e grandes descobertas. No entanto, seus sonhos pareciam tão distantes quanto as estrelas no céu, como se estivesse destinado a uma vida comum e sem brilho.

Um dia, enquanto pescava, um homem misterioso apareceu vestido com uma capa escura e olhos reluzentes como a lua cheia, ele trouxe uma missão baseada em uma antiga profecia: apenas um verdadeiro herói de coração puro poderia resgatar o muiraquitã — uma joia lendária que havia sido roubada da comunidade e estava sob o domínio de um ser poderoso na floresta sombria.

O homem revelou que muitos já haviam falhado nesta missão, mas algo em Apoena chamou sua atenção. Com determinação ardendo em seu peito, o jovem aceitou a tarefa, mesmo diante da desaprovação de sua família, que temia por sua segurança.

Durante sua jornada, Apoena encontrou uma onça majestosa que, à noite, se transformava em um jovem guerreiro destemido chamado Cauê. Juntos, eles enfrentaram desafios aterradores: atravessaram rios tumultuosos, escalaram

montanhas traiçoeiras e desvendaram enigmas guardados por criaturas místicas. Cauê ensinou Apoena a controlar seus medos e a entender o verdadeiro significado da coragem — não apenas enfrentar perigos externos, mas também lutar contra suas inseguranças internas.

Após dias de luta e aprendizado, Apoena chegou à floresta sombria. A atmosfera estava carregada de tensão e mistério. Quando ele finalmente se deparou com o ser poderoso. Era o temido mapinguari, com seu odor insuportável, longas garras e um único olho. Em vez de usar a força bruta, Apoena decidiu apelar para sua inteligência e empatia.

Ele compartilhou com o mapinguari histórias sobre seu povo e o impacto da perda do muiraquitã para sua comunidade. A conexão emocional que ele estabeleceu fez com que mapinguari reconsiderasse suas ações. Com astúcia e compaixão, Apoena conseguiu recuperar a joia sem derramar sangue.

Ao retornar à comunidade com o muiraquitã em mãos, Apoena foi recebido como um herói. No entanto, ao invés de buscar glória ou riquezas materiais, ele percebeu que a verdadeira recompensa estava nas lições aprendidas ao longo da jornada e nas amizades formadas. Ao voltar para sua vida anterior na comunidade, Apoena não era mais o mesmo; tornara-se um homem mais confiante e sábio.

Assim, ele usou seu novo prestígio para ajudar outros jovens sonhadores como ele, inspirando-os a buscar seus próprios destinos e aventuras. O muiraquitã não era apenas uma joia; era um símbolo do potencial que cada um possui para transformar não só suas vidas, mas também as vidas daqueles ao seu redor.






THE QUEST FOR THE MUIRAQUITÃ



Dayanne Falcão
Gabrielly Portugal



In a distant community, there was a young man named Apoena, the son of a powerful shaman. Since childhood, Apoena longed for adventures and great discoveries. However, his dreams seemed as distant as the stars in the sky, as if he were destined for an ordinary and dull life.

One day, while fishing, a mysterious man appeared, dressed in a dark cloak with eyes shining like the full moon. He brought a mission based on an ancient prophecy: only a true hero with a pure heart could rescue the muiraquitã—a legendary jewel that had been stolen from the community and was under the control of a powerful being in the dark forest.

The man revealed that many had already failed in this mission, but something about Apoena caught his attention. With determination burning in his chest, the young man accepted the task, despite his family's disapproval, who feared for his safety.

During his journey, Apoena encountered a majestic onça that, at night, transformed into a fearless young warrior named Cauê. Together, they faced terrifying challenges: crossing tumultuous rivers, climbing treacherous mountains, and unraveling riddles guarded by mystical creatures. Cauê

taught Apoena to control his fears and understand the true meaning of courage — not just facing external dangers but also fighting against his internal insecurities.

After days of struggle and learning, Apoena reached the dark forest. The atmosphere was filled with tension and mystery. When he finally confronted the powerful being, it was the feared mapinguari, with its unbearable odor, long claws, and a single eye. Instead of using brute force, Apoena decided to appeal to his intelligence and empathy.

He shared stories about his people and the impact of the loss of the muiraquitã on his community with the mapinguari. The emotional connection he established made the mapinguari reconsider its actions. With cunning and compassion, Apoena managed to recover the jewel without shedding blood.

Upon returning to the community with the muiraquitã in hand, Apoena was received as a hero. However, instead of seeking glory or material wealth, he realized that the true reward lay in the lessons learned along the journey and the friendships formed. Returning to his previous life in the community, Apoena was no longer the same; he had become a more confident and wise man.


Thus, he used his newfound prestige to help other young dreamers like him, inspiring them to seek their own destinies and adventures. The muiraquitã was not just a jewel; it was a symbol of the potential that each person must transform not only their own lives but also the lives of those around them.



A ANDORINHA CORAJOSA

*Hanaíra Pedrosa
Antônio José Lima*

No meio da floresta acontece uma festa.
Um bando de andorinhas comemora um dia especial.
No grupo, hoje, muitas andorinhas o seu primeiro voo dá.
Mas do seu ninho, a pequena Iná prefere ficar.
Seu coração sabe que nasceu para voar,
Mas suas asas não querem tentar.
O medo de cair a prende onde estar.
Mas um dia, enquanto no seu ninho dormia
E o bando longe estava,
O perigo ao seu ninho chegava.
Então, assim, do nada,
Seu primeiro voo dava.
Voou, voou... cansada ficou e numa árvore pousou.
Estava sozinha e a noite vinha,
Ainda assustada, entre as folhas se escondeu.
Hoje crescia a pequena andorinha.
A coragem que com ela nasceu.
Quando, de repente, uma luz ao seu lado brilhou.
— Ué, apagou? O que será isso?
Um vagalume, que apesar de ser da noite,
Estava com medo do escuro.



E juntos, naquela noite, uniram-se um ao outro.
Ao amanhecer, o mato tinha algo diferente.
Os pássaros voavam atordoados.
Os animais corriam de um lado para outro apavorados.
A floresta queimava, longe de casa não sabia o que fazer.
Viu seu amigo em meio a fumaça desaparecer.
Determinada a achá-lo, decidiu que algo precisava fazer.
De imediato, voou até o rio.
Com uma gota no bico, tinha certeza de que o fogo iria apagar.
Precisava de só mais uma vez, e mais uma, e mais uma...
Cansada já estava, mas precisava continuar.
Os animais, vendo a coragem dela que sozinha o fogo enfrentava,
Se juntaram a ela para a floresta salvar.
Seu bando, que por ela procurava,
Extasiado ficou com a coragem que tinha.
Depois de muito esforço e uma ajudinha divina,
Uma chuva caiu e o fogo apagou.
Seu amigo, ela não achou.
Mas tem certeza no seu coração
Que foi ele quem a salvou.
Agora, voando com seu bando,
Com o coração alegre, descobre-se
Mais corajosa do que um dia foi.
Que a união faz a força
E que uma andorinha não faz verão sozinha.






THE BRAVE SWALLOW



Hanaira Pedrosa
Antônio José Lima



In the middle of the forest, a party is happening.
A flock of swallows is celebrating a special day.
In the group, many swallows are taking their first flight today.
But from her nest, little Iná prefers to stay.
Her heart knows she is born to fly,
But her wings don't want to try.
The fear of falling keeps her where she is.
But one day, while she was sleeping in her nest,
And the flock was far away,
Danger approached her nest.
Then, out of nowhere,
She took her first flight.
She flew, flew... got tired and landed on a tree.
She was alone and the night was coming,
Still scared, she hid between the leaves.
Today, the little swallow was growing.
The courage that was born with her.
When suddenly a light shone beside her.
— Huh, did it go out? What could this be?
A firefly, who despite being from the night,
Was afraid of the dark.

And together, that night, they united as one.
By dawn, the forest had something different.
The birds were flying disoriented.
The animals were running from one side to the other, terrified.
The forest was burning, and far from home, she didn't know what to do.
She saw her friend disappear in the smoke.
Determined to find him, she decided that something had to be done.
Immediately, she flew to the river.
With a drop on her beak, she was sure the fire would be put out.
She needed just one more time, and one more, and one more...
She was already tired, but had to keep going.
The animals, seeing her courage as she faced the fire alone,
Joined her to save the forest.
Her flock, which had been searching for her,
Was astonished by the courage she had.
After much effort and a little divine help,
A rain fell and the fire was put out.
She didn't find her friend,
But she is sure in her heart
That it was him who saved her.
Now, flying with her flock,
With a joyful heart, she discovers
That she is braver than she ever was.
That unity is strength,
And that a swallow doesn't make summer alone.



NASCE UMA GUARDIÃ DA FLORESTA

*Carla Karolina Carvalho
Dieni Rebouças*

Em uma aldeia localizada no Amazonas vivia Amana, uma mocinha de beleza radiante, que gostava de brincar nas margens dos rios e no centro da floresta, junto de seu amigo Uberaba, filho do chefe da aldeia.

Em uma manhã, ao acordar, Amana saiu de sua oca e percebeu algo estranho. Sem entender o que estava acontecendo, foi aos seus encontros matinais para se aventurar com seu amigo Uberaba. Logo na entrada para floresta, Amana avista seu amigo, ela corre em sua direção e grita:

— Vamos brincar na floresta hoje?

Uberaba sai correndo pela floresta, e logo atrás está Amana. Ela para e olha ao seu redor. Uberaba percebe que ela parou, e pergunta:

— O que aconteceu, Amana?

— Uberaba, você está sentindo?

— O quê, Amana?

— Sinto que a floresta está precisando de ajuda. Olhe ao seu redor!

— Olha, um bando de macacos pregos, Amana! Estão agonizados. Até parece que estão fugindo de algo, que estranho... veja aquela família de arara na árvore.

— Sinto que o ar está quente!

— Muita fumaça, Amana. Melhor voltamos para a aldeia.

Ao retornarem, cada um foi para sua oca, mas Amana ficou curiosa para saber o que estava acontecendo com a floresta e não parava de pensar. Até que resolveu retornar, só que desta vez sozinha. Ao chegar novamente no local em que estava com Uberaba, percebeu que tinha mais animais ali no local, avistou papagaios, tatu cavando na terra, capivara, veados, até mais de uma cobra. Ficou parada e escutou uma voz falar:

— Amana, filha da terra!

— Senhora Mãe da floresta! Em que posso ajudar?

— A floresta está doente filha, os homens estão a machucando, cortando e queimando as árvores, jogando lixo em nossos rios, fazendo com que os animais sintam-se perseguidos, precisamos de sua ajuda, Amana.

— Farei o que for necessário. Como posso ajudar para isto acabar?

— Ensine seu povo a cuidar da natureza. Plante novas árvores, limpe os rios e proteja os animais. A floresta precisa de vocês, assim como vocês precisam dela.

Amana volta correndo à aldeia, vai até o chefe da comunidade e diz:

— Grande líder, o espírito da floresta falou comigo. Os homens estão destruindo nossa terra. Precisamos agir agora! Se não fizermos algo, perderemos tudo!

— O que a Mãe da floresta falou? O que ela disse para fazermos?

— Ela disse que devemos plantar novas árvores, limpar os rios e proteger os animais. Todos na aldeia precisam ajudar.

O chefe convoca uma reunião com toda a comunidade, e diz:

— Precisamos nos unir para salvar a natureza, devemos plantar novas árvores, limpar os rios e proteger os animais. Todos na aldeia precisam ajudar.

Todos reunidos foram em busca de sementes para fazer mudas, e alguns foram aos rios para limpá-los. ...

Depois de algumas semanas, as sementes já tinham germinado, e era a hora da plantação. ...

— Olha que maravilha, Amana! As árvores irão crescer de novo! E agora, graças a você, sabemos que devemos cuidar da natureza e ela cuidará de nós.



— Sim, Uberaba. Estamos trazendo a vida de volta à floresta. Devemos sempre preservá-la, senão de onde tiraremos nossos alimentos e os remédios?

— Amana, todos lembrarão de sua determinação e amor pela natureza, se não fosse você, não saberíamos nem por onde começar, você é a nossa guardiã da floresta. A Mãe da floresta deve estar orgulhosa de você. — disse o líder da aldeia.

— Precisamos está sempre em alerta, o homem pode atacar a qualquer momento novamente. E eu estarei aqui!






A FOREST GUARDIAN IS BORN



Carla Karolina Carvalho
Dieni Rebouças



Once upon a time, in an indigenous village located in Amazonas, there was a young girl of radiant beauty, called Amana. She loved to play by the riverbanks and in the heart of the forest with her friend Uberaba, the son of the indigenous leader.

One morning, when Amana woke up, she left her hut and noticed something strange. She didn't understand what was happening, she went to her usual morning meeting to venture with her friend Uberaba. At the entrance to the forest, Amana saw her friend and ran towards him, shouting:

— Shall we play in the forest today?

Uberaba ran off into the forest, Amana was just behind him. She stopped and looked around. Uberaba noticed that she had stopped and asked:

— What happened, Amana?

— Uberaba, do you feel it?

— What, Amana?

— I feel like the forest needs help. Look around us.

— Look at that group of capuchin monkeys, Amana! They are agitated. It's look like they are running from something... so strange... see that family of macaws on the tree.

— I feel like the air is hot!

— There's so much smoke, Amana. We'd better return to the village.

When they returned, they went to their own hut, but Amana stayed curious about what was happening with the forest and couldn't stop thinking about it. She decided to return, but this time, alone. When she arrived at the place where she had been with Uberaba, she noticed that more animals were there. She saw parrots, armadillos digging in the ground, capybaras, deer, and even more than one snake. She kept still and heard a voice speak:

— Amana, daughter of the earth!

— Mother of the forest! How can I help?

— The forest is sick, daughter. The men are hurting it, cutting and burning the trees, throwing trash in our rivers, causing the animals to feel hunted. We need your help, Amana.

— I will do whatever it takes. How can I help end this?

— Teach your people to take care of nature. Plant new trees, clean the rivers, and protect the animals. The forest needs you, just as you need it.

Amana ran back to the village and went to the tribe leader, saying:

— Great leader, the spirit of the forest spoke to me. The men are destroying our land. We must act now! If we don't do anything, we will lose everything!

— What did the Mother of the forest say? What did she tell us to do?

— She said we must plant new trees, clean the rivers, and protect the animals. Everyone in the village must help.

The indigenous leader held a meeting with the whole tribe and said:

— We must join forces to save nature. We must plant new trees, clean the rivers, and protect the animals. Everyone in the village must help.

Some of them searched for seeds to grow saplings, and other ones went to the river to try cleaning it.

After a few weeks, the seeds had already sprouted, and it was time to plant.

— Look how wonderful, Amana! The trees will grow again! And now, I'd like to say thank you. We know we must take care of nature, and it will take care of us.

— Yes, Uberaba. We are bringing life back to the forest. We must always preserve it; otherwise, where will we get our food and medicine from?

— Amana, everyone will remember your determination and love for nature. If it weren't for you, we wouldn't even know where to start. You are our guardian of the forest. The Mother of the forest must be proud of you, — said the village leader.

— We must always stay alert; men can attack at any time again. And I will be here!





NAURÚ E A LIBERTAÇÃO DO CÉU

*Karen Pricila Lima
Lizandra Souza*

Há muitos anos, na época em que os seres humanos ainda conversavam com os espíritos, um casal fica feliz em saber que terá um filho.

Em meio ao seu passeio pela Floresta, Jacira se encontra com o velho Pajé da Aldeia, que a parabeniza pela sua gravidez e anuncia que seu filho será um grande guerreiro, destinado a libertar a aldeia de todo o mal que viria pelo futuro.

Chegando o dia do nascimento de seu filho, Jacira estava na floresta sozinha, quando começa a dar à luz, e, após o nascimento de seu bebê, lembra da profecia do velho pajé e coloca o nome de Naurú em seu filho, que em tupi significa “herói” ou “guerreiro”.

Naurú cresceu uma criança feliz e saudável. Quando tinha por volta de seus sete anos de idade, enquanto brincava na floresta, encontrou Gaia.

Gaia é o espírito de uma onça pintada que, dizendo os antigos, morreu em meio às queimadas e seu espírito virou guardião da floresta. Apenas os guerreiros mais valentes e de bom coração conseguiam encontrar seu espírito, mas isso foi há muito tempo, transformando o espírito de Gaia em uma lenda na aldeia.

Naurú, ainda criança e inocente, começou a brincar com Gaia, e depois retornava para casa normalmente. Os anos foram

passando... Ele se orgulhava por sua força e por ser o único a ter visto Gaia. Por muitas vezes, Naurú dizia ser o grande escolhido e que todos deveriam obedecer aos seus comandos.

Em uma determinada manhã, o povo da Aldeia acordou desesperado, pois não conseguiam ver mais o céu. A aldeia e a floresta estavam tomadas por uma imensa nuvem de fumaça, impossibilitando de verem qualquer coisa ao seu redor.

Com a aldeia coberta de fumaça e o povo não conseguindo respirar direito, todos clamaram a Naurú para que pedisse aos espíritos da floresta que os libertassem daquele martírio.

Naurú promete ao povo que irá descobrir o que está acontecendo. Ele entra na floresta e novamente se encontra com Gaia que lhe explica que há homens maus tacando fogo na floresta e destruindo o lar de muitos animais em busca de riquezas.

Naurú e Gaia saem em busca desses homens para trazer o céu de volta à aldeia. Eles encontram os homens desmatando a floresta. Naurú tenta convencê-los a pararem de desmatar a floresta, porém os homens o atacam e tentam matá-lo.

Naurú, por sua vez, sendo forte e corajoso, luta com diversos homens, porém os homens brancos estão em maior quantidade. Ele, então, corre para dentro do rio e clama aos espíritos das águas que o acuda e apague o fogo da Floresta. Reconhecendo que não é invencível, se ajoelha, chorando, e pede que Iara o ajude.

É quando a mãe d'água escuta seu clamor e transforma as águas do rio em grandes ondas e inunda a floresta afogando e matando todos os madeireiros ali presentes, salvando Naurú, a aldeia e a floresta do fogo.

A mãe d'água fala para Naurú: “Eu ouvi o clamor do seu coração. Enquanto seu coração for puro e verdadeiro, eu estarei com você, lhe ajudarei em toda a sua caminhada. Enquanto houver verdade em seu coração”.

Gaia mostra o caminho de volta para Naurú até a aldeia e fala que sua missão está apenas começando.


Quando Naurú retorna à aldeia, o céu começa a aparecer novamente e todos os aldeões ficam felizes ao vê-lo e fazem festa por Naurú ter libertado o céu e devolvido a alegria a todos da aldeia.



NAURU AND THE SKY LIBERATION



Karen Pricila Lima
Lizandra Souza



Once upon a time, when humans talked to spirits, there was a couple. They were happy, because they are going to have a baby.

While walking through the forest, Jacira meets the old Shaman of the indigenous village, who congratulates her for the pregnancy and tells her that the child will be a great warrior and will free the village from all the evil that lies ahead in the future.

The day her child is born, Jacira is alone in the forest, when she starts giving birth. After her baby is born, she remembers the prophecy of the old shaman and names her son Naurú, which in Tupi means hero or warrior.

Naurú grows up as a happy and healthy child. When he is around seven years old, he is playing in the forest and meets Gaia.

Gaia is the spirit of onça, a wildcat, which according to the elders, died during the forest fires, and her spirit became the guardian of the forest. Only the bravest and kindest warriors had ever encountered her spirit, but that was a long time ago, and Gaia's spirit had become a legend in the village.

Still a child and innocent, Naurú starts playing with Gaia and then returns home as usual. Years pass by... He takes pride in his strength and being the only one to have seen Gaia. Many

times, Naurú claimed to be the great chosen one, and everyone should obey his commands.

One morning, the people of the village wake up in desperation, crying out, because they can no longer see the sky. The village and the forest are covered by a huge cloud of smoke, making it impossible to see anything around them.

With the village covered in smoke and the people struggling to breathe, everyone calls upon Naurú to ask the spirits of the forest to free them from this torment.

Naurú promises the people that he will discover what is happening. He enters the forest and meets Gaia once again, which explains that evil men are setting fire to the forest and destroying many animals' homes in search of riches.

Naurú and Gaia set out to find these men and bring the sky back to the village. They find the men clearing the forest and setting it on fire. Naurú tries to convince them to stop, but the men attack him and try to kill him.

Naurú, being strong and brave, fights with several men, but the white men are in greater numbers, so he runs into the river and cries out to the water spirits to help him and put out the fire in the forest. Recognizing that he is not invincible, he kneels, crying, and asks Iara for help.

That is when the Water Mother hears his cry and transforms the river's water into great waves, flooding the forest, drowning and killing all the loggers there, saving Naurú, the village, and the forest from the fire.

The Water Mother speaks to Naurú: "I have heard the cry of your heart. If your heart is pure and true, I will be with you, helping you on your journey. As long as there is truth in your heart".

Gaia shows Naurú the way back to the village and tells him that his mission has just begun. When Naurú returns to the village, the sky begins to appear again, and all the villagers rejoice upon seeing him and celebrate, because Naurú has freed the sky and brought joy back to the village.



O AMULETO DA ESPERANÇA

*Maria do Carmo Gomes
Patrícia Lima*

Era uma vez, em uma pequena comunidade cercada por uma floresta mágica, quatro amigos: Maíra, a heroína destemida; Anahi, sua fiel amiga; Ararê, o travesso que adora pregar peças e Dona Maiara, a sábia anciã da vila. Certa manhã, Ararê, em sua brincadeira, decidiu atear fogo na floresta, pensando que seria divertido ver as “chamas dançarem”.

Mas logo percebeu que o fogo se espalhava rapidamente, ameaçando a vida de todos os seus seres que habitavam ali. Desesperadas, Maíra e Anahi correram até a Dona Maiara em busca de ajuda.

Ela, com seu olhar profundo e sereno, ofereceu à Maíra um amuleto da sorte, dizendo: “este amuleto te guiará e te protegerá em sua missão, a floresta precisa de você!”

Com o amuleto em mãos, Maíra e Anahi correram em direção ao incêndio. Com coragem, Maíra usou o amuleto para invocar a força da natureza. Ventos fortes começaram a soprar, o que ajudou a apagar as chamas.

Ararê, ao ver a destruição que causou, se juntou a elas, pedindo desculpas e oferecendo sua ajuda para restaurar a floresta. Juntos, os quatro amigos trabalharam incansavelmente, replantando árvores e cuidando dos animais.


Graças à bravura de Maíra e à sabedoria de Dona Maiara, assim como a união dos amigos, a floresta foi salva, e Ararê aprendeu a importância de respeitar a natureza. O amuleto da sorte se tornou um símbolo de amizade e proteção, lembrando a todos que juntos são mais fortes. E assim a floresta floresceu novamente, cheia de vida e harmonia.





THE AMULET OF HOPE

Maria do Carmo Gomes
Patrícia Lima



Once upon a time, in a small village surrounded by a magical forest, there were four friends: Maíra, the fearless heroine; Anahi, her loyal friend; Ararê, the mischievous one who loved playing pranks; and Dona Maiara, the wise elder of the village. One morning, Ararê, in his mischief, decided to set the forest on fire, thinking it would be fun to watch the flames dance.

But he soon realized that the fire spread quickly, threatening the lives of all the beings that lived there. Desperate, Maíra and Anahi ran to Dona Maiara for help.

With her deep and serene gaze, she offered Maíra a lucky amulet, saying, "This amulet will guide and protect you on your mission; the forest needs you!"

With the amulet in hand, Maíra and Anahi ran towards the fire. With courage, Maíra used the amulet to invoke the power of nature. Strong winds began to blow, which helped extinguish the flames.

Seeing the destruction he had caused, Ararê joined them, apologizing and offering his help to restore the forest. Together, the four friends worked tirelessly, replanting trees and caring for the animals.

Thanks to Maíra 's bravery and Dona Maiara's wisdom, as well as the unity of the friends, the forest was saved, and Ararê learned the importance of respecting nature. The lucky amulet became a symbol of friendship and protection, reminding everyone that together they are stronger. And so, the forest flourished again, full of life and harmony.






A NÉVOA DE TERNURA DO SOL

Geiziane Silva
Thaise Silva

Na pacata comunidade de Ternura do Sol, onde a vida era marcada pela alegria, bondade e festas semanais, vivia uma jovem chamada Tainá. Conhecida por sua habilidade de curar todos os tipos de animais, Tainá era admirada por sua bondade e dedicação. Ela passava seus dias cuidando dos animais da comunidade e ajudava seu amigo Raoni, um jovem guerreiro que sonhava com aventuras além dos limites da comunidade. Certo dia, uma estranha névoa escura começou a se espalhar pela comunidade, trazendo consigo uma sensação de desespero e tristeza. A névoa afetava não apenas os habitantes, mas também os animais. Tainá e Raoni, preocupados com o que estava acontecendo, decidiram investigar a origem da névoa. Eles prepararam uma lamparina, água, frutas e medicamentos naturais para se proteger e ajudar aqueles que encontrassem pelo caminho. Durante a jornada, encontraram um jovem que concordou em ajudá-los, mas levou apenas Tainá para conhecer Janaína, uma ex-guardiã da floresta. Janaína conhecia as antigas lendas e, ao ouvir a história de Tainá, revelou que a jovem era a única capaz de derrotar o inimigo responsável pela névoa. Janaína então entregou a Tainá um anel com uma pedra preciosa e alertou-a: “Nunca permita que o medo te domine. Se você se sentir assustada, seu poder se enfraquecerá”.



Determinada a cumprir sua missão, Tainá seguiu o caminho indicado pela ex-guardiã e avistou uma caverna profunda e sombria, onde a névoa parecia mais densa e ameaçadora. Ao entrarem na caverna, encontraram o feiticeiro responsável pela maldição. Raoni, apesar de sua coragem, estava sem experiência e não sabia sobre o poder mágico do anel que Janaína havia instruído Tainá a manter em segredo. Quando Raoni foi derrotado pelo feiticeiro, Tainá enfrentou seu medo e, com um senso de justiça inabalável, usou suas habilidades mágicas recém-descobertas para confrontar o feiticeiro. À medida que enfrentava o inimigo, seu poder aumentava e, com um golpe decisivo, Tainá derrotou o feiticeiro, transformando-o em um jacaré.

Após a vitória, Tainá curou Raoni e, juntos, enfrentaram as dificuldades da floresta para retornar à comunidade. Quando chegaram à Ternura do Sol, foram recebidos como heróis e sua coragem e determinação passaram a ser uma fonte de inspiração para todos. A história de Tainá e Raoni se tornou uma lenda na comunidade, celebrando a bravura e a magia de uma jovem que enfrentou o medo e derrotou a escuridão, provando que até mesmo os desafios mais sombrios podem ser superados com coragem e amizade.






THE MIST OF TERNURA DO SOL



Geiziane Silva

Thaise Silva



In the peaceful community of Ternura do Sol, where life was marked by joy, kindness, and weekly festivities, lived a young woman named Tainá. She was known for her ability to heal all kind of animals, Tainá was admired for her kindness and dedication. She spent her days caring for the community's animals and helping her friend Raoni, a young warrior who dreamed of adventures beyond the community limits. One day, a strange dark mist began to spread through the community, bringing with it a sense of despair and sadness. The mist affected not only the inhabitants but also the animals. Concerned about what was happening, Tainá and Raoni decided to investigate the origin of the mist. They prepared a lantern, water, fruits, and natural medicines to protect themselves and help those they encountered along the way. During the journey, they met a young man who agreed to help them but only took Tainá to meet Janaína, a former forest guardian. Janaína knew ancient legends and, upon hearing Tainá's story, revealed that the young woman was the only one capable of defeating the enemy responsible for the mist. Janaína then gave Tainá a ring with a precious stone and warned her: "Never let fear dominate you. If you feel scared, your power will weaken".

Determined to fulfill her mission, Tainá followed the path indicated by the former guardian and saw a deep and dark cave where the mist seemed denser and more threatening. Upon entering the cave, they found the sorcerer responsible for the curse. Raoni, despite his courage, was inexperienced and did not know about the magical power of the ring that Janaína had instructed Tainá to keep secret. When Raoni was defeated by the sorcerer, Tainá faced her fear and, with an unwavering sense of justice, used her newly discovered magical abilities to confront the sorcerer. As she faced the enemy, her power increased, and with a decisive blow, Tainá defeated the sorcerer, transforming him into an alligator. After the victory, Tainá healed Raoni, and together they faced the difficulties of the forest to return to the community. When they arrived at Ternura do Sol, they were received as heroes, and their courage and determination became a source of inspiration for everyone. The story of Tainá and Raoni became a legend in the community, celebrating the bravery and magic of a young woman who faced fear and defeated darkness, proving that even the darkest challenges can be overcome with courage and friendship.



A LENDA DE ARANDU


*Emilly Menezes
Vitória Gomes*

Ao pôr do sol da tarde límpida e agradável de sexta-feira, o povo Ibirá celebra, mais uma vez, o seu sagrado ritual de agradecimento anual (Yvoty, que celebra a fertilidade do solo e das plantas). Em uma oca não muito afastada do local morava Cayena, uma jovem de espírito curioso e corajoso, sempre disposta a explorar além das fronteiras de sua aldeia. Seus longos cabelos escuros caíam como uma cascata sobre suas costas, brilhando sob a luz do sol. Seus olhos marcantes refletiam tanto a sabedoria ancestral de seu povo, quanto sua determinação inabalável, sempre atentos a tudo ao seu redor. Ela carregava em si uma força interior que a distinguiu, mesmo nas situações mais difíceis, guiada pela vontade de proteger seu povo e a natureza sagrada ao seu redor, ouvia atenta às palavras do sábio Tagujara, e guardava suas sérias e sábias palavras sobre proteger a natureza.

— Proteger nossas raízes é respeitar a natureza e harmonia que sustenta a vida. Estamos todos entrelaçados e conectados com a terra e com os espíritos nela habitados. — diz Tagujara.

A fraqueza em sua voz e a repentina crise de tosse desperta a preocupação da jovem Cayena.

— Mestre, o senhor está muito fraco, deixe-me ajudá-lo. Cayena tenta segurá-lo. O mestre, porém, responde:



— Não se preocupe, mocinha. Eu estou bem. Venha, me acompanhe, por favor.

O anfitrião a convida a se aproximar ao centro da oca, onde tem uma pequena tocha de fogo e algumas toras de madeira distribuídas, de forma circular, ao redor da tocha. Em seguida, pega uma tela de palha seca e esbranquiçada, minuciosamente trançada, e começa a desenhar formas que imitam ramificações de plantas e flores.

— Agora, preste muita atenção e mantenha sua mente aberta para o que vou lhe contar. — diz o Sábio, e continua — Nas profundezas da grande e densa floresta que nos rodeia, existe uma extraordinária flor, com poderes sobrenaturais de restaurar o equilíbrio da natureza e de despertar os poderes e habilidades que ainda estão adormecidas dentro da única pessoa digna de encontrá-la, um ser puro e com desejo sincero de proteger seu povo e a natureza.

— Mas, mestre... — questiona a jovem moça — que tipo de flor sobrenatural é esta com poderes tão fascinantes? Por que o senhor está me contando tudo isso? É algum tipo de lenda?

— Querida, eu pedi que deixasse a sua mente aberta para que compreendesse que o que lhe digo não é uma simples lenda. Mas entendo seus questionamentos, é natural. Mas, deixe-me terminar, estou lhe contando tudo isso porque finalmente encontrei quem vem a ser a única pessoa digna de apanhar Arandu. E te peço, pelos espíritos da natureza, que acredite no que estou falando. Por favor! Você, Cayena, é a única pessoa digna de encontrar Arandu.

— Mestre, eu? E qual seria o momento ideal para procurar Arandu, o que devo fazer para encontrá-la?

Neste momento, um homem alto, de olhos escuros, como a sombra da densa floresta à noite, e de aparência formidável, interrompe. Araúna, conhecido por todos como o filho adotivo do mestre Tagujara, carregava uma origem envolta em mistério e dor. Embora fosse tratado como parte da família, poucos sabiam que ele havia sido encontrado ainda bebê, abandonado nas margens de um rio. Seu passado era triste, seus verdadeiros pais foram assassinados pelo próprio povo, vítimas de traição e ambição desmedida. Mas, desde pequeno, foi criado na aldeia com amor e disciplina.



— Pai, o ritual está prestes a terminar, estamos aguardando o senhor para concluir. — disse Araúna.

Os dois param o diálogo e o velho Tagujara sai para o encerramento do ritual, deixando a jovem moça encucada sobre a flor. Araúna a encara curiosamente, lhe oferece um sorriso amigável e diz:

— Venha participar conosco também.

Em seguida, se retira para se juntar aos companheiros. Cayena não se junta aos outros no ritual, permanece na oca e se aproxima da tela de palha, agora preenchida por vários desenhos. Ela pega o objeto e traça linhas imaginárias com seus dedos sobre o desenho de uma bela flor semelhante a flor de lótus.

Ao clarim do nascer do sol a leste, acompanhado das mais belas e agradáveis canções dos pássaros ecoando por toda a floresta, Cayena acorda e vai até a oca do senhor Tagujara como de costume. Mas dessa vez algo estava muito estranho. Tagujara ainda estava dormindo e não a esperando com o costumeiro sorriso e o delicioso beiju de goma para tomarem café da manhã. Cayena, estranhando, aproxima-se da rede e o chama.

— Mestre, o sol já se levantou e o senhor ainda está deitado. Vamos, levante-se, precisamos continuar a conversa de ontem, tenho várias perguntas.

Sem resultados, Cayena resolve balançar a rede, porém, novamente sem resultados. Em uma última tentativa, pega em sua mão e balança o braço do ancião que não reage. Desesperada, Cayena começa a gritar, o que faz com que todos se assustem e corram para a oca, constatando, por fim, que o velho Sábio Tagujara havia partido.

Passada uma semana da morte do Guardião de Ibirá, a aldeia se prepara para realizar o ritual de purificação da alma do seu ancião, quando, repentinamente, surgem chamas flamejantes cortando os ares. Tagujara era o único empecilho forte o suficiente para impedir invasões da aldeia rival, que agora está terrivelmente vulnerável aos ataques. Como consequências do ataque, o túmulo do Guardião é incendiado e tudo é consumido pelo fogo. No dia seguinte, lamentando a morte do seu mestre sobre seu túmulo incendiado, lágrimas escorrem pelo rosto de Cayena e caem sobre a terra na qual está sentada. Em um campo limpo e seco, flores e brotos começam a surgir do chão. Ao se dar conta do real motivo pelo

qual aquilo está acontecendo, ela compreende o porquê é a escolhida para proteger seu povo.

Em uma noite sem lua, os invasores novamente atacam a aldeia, mas dessa vez o ataque é mais severo. Com tochas nas mãos e fúria nos olhos, eles incendiaram as ocas e destruíram grande parte das plantações sagradas, espalhando o caos. O fogo rugia e as chamas subiam aos céus, obrigando Cayena a fugir para a floresta com sua fiel amiga Yamí. As duas sabiam que a única esperança de salvar sua aldeia estava na lendária flor Arandu escondida nas profundezas da mata. Essa flor mágica poderia fortificar os poderes de Cayena, permitindo que ela retornasse e protegesse seu povo. Juntas, Cayena e Yamí embarcaram em uma jornada perigosa, determinadas a restaurar a paz em sua terra e expulsar os invasores para sempre.

Depois de superar as inúmeras dificuldades e batalhas, Cayena e Yamí retornaram à aldeia com a flor dourada e brilhante nas mãos. O céu parecia mais claro e a esperança renascia em seus corações. No entanto, ao chegar na aldeia, um sombrio silêncio pairava no ar. A cena que se desenrolava diante delas era desoladora: as ocas estavam em ruínas e muitos dos guerreiros haviam sido abatidos.

Cayena imediatamente procurou por Araúna, que, até então, era um pilar de confiança e lealdade, o melhor guerreiro da aldeia. Contudo, a revelação que se seguiu foi um golpe devastador. Araúna se revelou um traidor. Ele havia fornecido informações cruciais sobre o trajeto para encontrar Arandu aos rivais. Além disso, arquitetou armadilhas ao longo do caminho para garantir que Cayena não chegasse a tempo de salvar seu povo e, ainda pior, colaborou com os inimigos para eliminar grande parte dos guerreiros de sua própria aldeia.

O choque e a dor causados pela traição, somados ao sofrimento do seu povo, despertaram algo profundo e poderoso dentro de Cayena. A obtenção da flor Arandu fez com que seus poderes se expandissem de maneira inexplicável. Ela agora possuía a habilidade de fazer plantas nascerem instantaneamente nas áreas devastadas pelo fogo dos invasores e criar barreiras de proteção. Onde antes havia cinzas e destruição, surgiam campos verdes e resistentes.




Esse poder surpreendeu e trouxe esperança aos sobreviventes da aldeia. Vendo as plantas renascendo e as barreiras de proteção, os invasores ficaram aterrorizados e recuaram, incapazes de compreender a magnitude da força de Cayena. Com sua aldeia agora revitalizada e fortalecida, Cayena liderou seus guerreiros em uma nova luta pela liberdade, determinada a proteger seu povo e garantir que a traição de Araúna não ficasse impune.

Com o poder da Arandu, Cayena ganhou a habilidade de proteger seu povo e criar plantas que floresciam onde antes havia seca. Ela trouxe de volta a harmonia à aldeia de Ibirá, fazendo com que as florestas crescessem mais fortes e saudáveis. As árvores, as flores e os rios se tornaram parte viva da aldeia, e o povo voltou a viver em conexão com a natureza.



ARANDU LEGEND

Emilly Menezes
Vitória Gomes



At the sunset of a clear and pleasant Friday afternoon, the people of Ibirá once again celebrate their sacred annual thanksgiving ritual (Yvoty, which celebrates the fertility of the soil and plants). Cayena lived in a hut not far from the area. She was a young woman with a curious and brave spirit, always willing to explore beyond the borders of her village. Her long dark hair cascaded like a waterfall over her back, shining under the sunlight. Her striking eyes reflected both the ancestral wisdom of her people and her unwavering determination, always alerting to everything around her. She carried an inner strength that set her apart, even in the most difficult situations, guided by the will to protect her people and the sacred nature around her. She listened attentively to the wise words of Tagujara, who often spoke seriously and wisely about protecting nature.

— Protecting our roots is respecting nature and harmony that sustain life. We are all intertwined and connected with the earth and the spirits that inhabit it. — Tagujara says.

The weakness in his voice and the sudden coughing awakens Cayena's concern.

— Master, you're very weak, let me help you.

Cayena tries to hold him, but the master responds:

— Do not worry, girl. I am fine. Come with me, please.

The host invites her to approach the center of the hut, where there is a small torch, and some logs of wood arranged in a circular manner around the torch. Then he picks up a dried and whitish palm frond, meticulously woven, and starts to draw shapes that imitate branches of plants and flowers.

— Now, pay close attention and keep your mind open to what I am about to tell you. — says the wise man, he completes — There is an extraordinary flower deep within the vast and dense forest that surrounds us, it has supernatural powers to restore the balance of nature and awaken the powers and abilities that still lie dormant inside the one person worthy of finding it, a pure being with a sincere desire to protect their people and nature.

— But, Master... — questions the young woman — what kind of supernatural flower is this, with such fascinating powers? Why are you telling me all this? Is it some kind of legend?

— Dear, I asked you to keep your mind open so you can understand that what I'm telling you is not a mere legend. But I understand your questions, it's natural. Let me finish. I am telling you all this because I have finally found the one who is the only person worthy of picking Arandu. And I ask you, by the spirits of nature, to believe what I am saying. Please! You, Cayena, are the only person worthy of finding Arandu.

— Master, me? And when is the ideal time to look for Arandu? What should I do to find it?

At that moment, a tall man, with eyes as dark as the shadow of the dense forest at night and a formidable appearance, interrupts. Araúna, known to all as the adopted son of Master Tagujara, carried a past shrouded in mystery and pain. Although he was treated as part of the family, few people knew that he had been found out as a baby, abandoned by the banks of a river. His past was tragic, his real parents were murdered by their own people, victims of betrayal and unrestrained ambition. But since childhood, he was raised in the village with love and discipline.

— Father, the ritual is about to end, we are waiting for you to conclude. — said Araúna.

They stopped the conversation, and the old Tagujara leaves to finish the ritual, leaving the young woman puzzled about the flower. Araúna looks at her curiously, then offers a friendly smile and says:

— Come, join us too.

He then leaves to join his companions. Cayena does not join the others in the ritual, staying in the hut and approaching the palm frond, now filled with various drawings. She picks it up and traces imaginary lines with her fingers over the drawing of a beautiful flower resembling a lotus.

At the clarion of the rising sun to the east, accompanied by the most beautiful and pleasant songs of the birds echoing through the forest, Cayena wakes up and goes to Master Tagujara's hut as usual. But this time, something feels very strange. Tagujara is still sleeping and not waiting for her with his usual smile and the delicious beiju de goma for breakfast. Cayena, puzzled, approaches the hammock and calls out to him.

— Master, the sun has already risen, and you are still lying down. Come, get up, we need to continue our conversation from yesterday. I have many questions.

After no response, Cayena shakes the hammock, but still nothing. In one last attempt, she takes his hand and shakes the old man's arm, but he does not react. Cayena, desperate, begins to shout, which alarms everyone, and they rush to the hut, finally confirming that the old wise man, Tagujara, had passed away.

A week after the death of the Guardian of Ibirá, the village prepares for the ritual of purifying the soul of their elder when suddenly, flaming fires cut through the air. Tagujara was the only obstacle strong enough to prevent invasions from the rival village, which now finds itself terribly vulnerable to attacks. Because of the attack, the Guardian's tomb is set on fire, and everything is consumed by the flames. The next day, mourning the death of her master over his burned tomb, tears fall from Cayena's face and touch the ground where she sits, and in a dry, barren field, flowers and shoots begin to sprout from the earth. Realizing the true reason for this, she understands why she is the chosen one to protect her people.

On a moonless night, the invaders attack the village again, but this time the attack is more severe. With torches in hand and fury in their eyes,



they set the huts on fire and destroyed many of the sacred crops, spreading chaos. The fire roared, and the flames reached the sky, forcing Cayena to flee into the forest with her loyal friend Yamí. The two knew that the only hope of saving their tribe lay in the legendary Arandu flower hidden deep within the woods. This magical flower could strengthen Cayena's powers, enabling her to return and protect her people. Together, Cayena and Yamí embarked on a perilous journey, determined to restore peace to their land and expel the invaders forever.

After overcoming countless difficulties and battles, Cayena and Yamí returned to the tribe with the golden and shining flower in hand. The sky seemed clearer, and hope was reborn in their hearts. However, when they arrived at the village, a gloomy silence hung in the air. The scene unfolding before them was desolate: the huts were in ruins, and many of the warriors had been slain.

Cayena immediately sought Araúna, who had until then been a pillar of trust and loyalty, the best warrior in the village. However, the revelation that followed was a devastating blow. Araúna revealed himself to be a traitor. He had provided crucial information about the path to find Arandu to the rivals. Moreover, he had set traps along the way to ensure that Cayena would not arrive in time to save her people, and even worse, he had collaborated with the enemies to eliminate much of the warriors from his own village.

The shock and pain caused by the betrayal, combined with the suffering of her people, awakened something deep and powerful within Cayena. The acquisition of the Arandu flower caused her powers to expand in an inexplicable way. She now possessed the ability to make plants sprout instantly in the areas ravaged by the invaders' fire and create protective barriers. Where there had once been ashes and destruction, fields of greenery and resilience emerged.

This power surprised and brought hope to the survivors of the village. Seeing the plants reborn and the protective barriers, the invaders were terrified and retreated, unable to comprehend the magnitude of Cayena's strength. With her tribe now revitalized and strengthened,

Cayena led her warriors in a new fight for freedom, determined to protect her people and ensure that Araúna's betrayal would not go unpunished.

With the power of Arandu, Cayena gained the ability to protect her people and create plants that bloomed where there had once been drought. She brought harmony back to the village of Ibirá, making the forests grow stronger and healthier. The trees, flowers, and rivers became living parts of the village, and the people once again lived in connection with nature.





A JORNADA DE MOEMA E POTIRA

*Ana Beatriz Pinheiro
Ruana Nicolley Marques*

Era uma vez, uma jovem chamada Moema. Ela morava em uma pequena comunidade com sua família. Moema tinha uma amiga chamada Potira e elas eram inseparáveis. Desde pequenas, adoravam explorar os arredores da comunidade em busca de aventuras, mesmo que suas famílias pedissem para terem cuidado. Apesar de sua curiosidade, Moema nunca havia sentido o desejo de sair da comunidade, até o dia em que tudo mudou.

Enquanto passeavam pelos arredores da comunidade, Moema ouviu uma voz misteriosa chamando seu nome para a floresta. Potira, confusa, não ouvia nada, mas Moema estava intrigada.

A voz parecia cada vez mais próxima, Moema, movida pela curiosidade, decidiu seguir o som. Potira, mesmo sem entender o que estava acontecendo, seguiu acompanhando Moema.

Ao entrarem na floresta, elas se depararam com um homem de aparência misteriosa, vestindo roupas velhas e sujas. Ele olhou diretamente para Moema, como se ele já a conhecesse. Sem esperar, Moema perguntou: “Você me chamou?”. O homem respondeu com um leve sorriso: “Sim, Moema. Você precisa seguir o seu destino”. Potira, preocupada, tentou convencer Moema a voltar, mas ela estava curiosa demais para voltar.

O homem estendeu a mão, mostrando um medalhão e disse: “Esse medalhão sempre foi seu; quando a hora chegar, você sentirá”. Moema, sem hesitar, pegou o medalhão. Assim que ela o tocou, sentiu algo estranho se espalhar pelo corpo. O homem desapareceu na escuridão da floresta, deixando Moema e Potira confusas.

Nos dias seguintes, Moema percebeu algo diferente. O medalhão estava pulsando em seu pescoço, e pequenas faíscas de luzes começaram a sair de suas mãos. Ela então percebeu que estava com um poder dentro de si e não sabia como controlá-lo. Potira, mesmo assustada com tudo, prometeu a Moema que iria ajudá-la a entender o que estava acontecendo. Potira era leal à Moema e estava disposta a enfrentar qualquer coisa.

Ao passar alguns dias, a comunidade começou a sofrer. As colheitas estavam murchando, os animais estavam inquietos e as pessoas sentiam uma presença sombria rondando o lugar. Moema sentia o medalhão esquentar mais a cada dia, como se estivessem avisando que algo ruim estava por vir.

Uma semana depois, uma criatura sombria, que controlava a escuridão, invadiu a comunidade. Ele revelou que seu nome era Jurupari, e que há muito tempo estava a procura do medalhão, pois, com ele, poderia intensificar os seus poderes, tornando-se a criatura mais forte e nada mais poderia detê-lo. Ele exigiu que Moema entregasse o medalhão e ameaçou destruir a comunidade se ela recusasse.

Moema sentiu um poder mais forte dentro de si, ela percebeu que chegara a hora, e disse a Jurupari que não entregaria o medalhão. Jurupari riu de Moema, pois, para ele, ela era apenas uma garota e jamais teria qualquer tipo de chance contra ele. Jurupari começou a manipular sombras, tentando cercar Moema e Potira. Potira ficou apavorada, mas Moema disse para ela não se preocupar porque sabia exatamente o que tinha que fazer. Com o medalhão em mãos, Moema lançou uma forte luz e todas as trevas sumiram. Jurupari ficou furioso e intensificou os ataques, criando uma enorme tempestade.

Moema concentrou toda sua energia e criou uma esfera de luz tão forte que Jurupari não resistiu. Com o último golpe, Moema destruiu Jurupari, libertando o mundo da sua influência sombria.



Após a batalha, o medalhão brilhou uma última vez, revelando uma pequena caixa dourada. Dentro dela havia uma chave antiga, uma carta e um mapa. Na carta estava escrito: “Essa é sua recompensa, Moema. A chave irá abrir o caminho para um novo mundo, onde seus poderes serão ainda mais fortes e você terá novos desafios. E lembre-se, sua jornada está apenas começando”.


Moema e Potira, cansadas, se abraçaram. Elas sabiam que aquela não seria a última aventura. Com uma chave e um mapa em mãos, elas estavam prontas para seguir em frente, confiando uma na outra e nos novos desafios que surgiriam. No fim das contas, a maior recompensa de Moema não era o poder ou a chave, mas sim a certeza de que Potira não a abandonaria, e juntas elas poderiam enfrentar qualquer coisa.



MOEMA AND POTIRA JOURNEY



Ana Beatriz Pinheiro
Ruana Nicolley Marques



Once upon a time, there was a young woman named Moema who lived in a small community with her family. Moema had a friend named Potira, and they were inseparable. Since they were children, they loved to explore the surroundings of the community in search of adventures, even though their families asked them to be careful. Despite her curiosity, Moema had never felt the desire to leave the community until the day everything changed.

While walking around the community, Moema heard a mysterious voice calling her name from the forest. Potira, confused, heard nothing, but Moema was intrigued. The voice seemed to get closer, and driven by curiosity, Moema decided to follow the sound. Potira did not understand what was happening, but she followed Moema.

Upon entering the forest, they encountered a mysterious-looking man wearing old and dirty clothes. He looked directly at Moema as if he already knew her. Without waiting, Moema asked, "Did you call me?" The man replied with a slight smile, "Yes, Moema. You need to follow your destiny." Potira, worried, tried to convince Moema to return, but Moema was too curious to go back.

The man extended his hand, showing a medallion, and said, "This medallion has always been yours. When the time comes, you will feel it." Without hesitation, Moema took the medallion. As soon as she touched it, she felt something strange spread through her body. The man disappeared into the darkness of the forest, leaving Moema and Potira confused.

In the following days, Moema noticed something different. The medallion was pulsing on her neck, and small sparks of light began to come out of her hands. She realized that she had a power within her that she did not know how to control. Potira, despite being scared, promised Moema that she would help her understand what was happening. Potira was loyal to Moema and was willing to face anything.

As days passed, the community began to suffer. The crops were wilting, the animals were restless, and the people felt a dark presence hanging around the place. Moema felt the medallion heating up more each day, as if it was warning that something bad was coming.

A week later, a dark creature that controlled the darkness invaded the community. He revealed that his name was Jurupari and that he had been searching for the medallion for a long time because, with it, he could intensify his powers and become the strongest creature, unstoppable by anything. He demanded that Moema hand over the medallion and threatened to destroy the community if she refused.

Moema felt a stronger power within her. She realized that the time had come and told Jurupari that she would not give up the medallion. Jurupari laughed at Moema, thinking she was just a girl and would never stand a chance against him. Jurupari began to manipulate shadows, trying to surround Moema and Potira. Potira was terrified, but Moema told her not to worry because she knew exactly what to do. Moema unleashed a strong light with the medallion in hand, and all the darkness disappeared. Jurupari was furious and intensified his attacks, creating a huge storm.

Moema concentrated all her energy and created a sphere of light so strongly that Jurupari could not resist. Moema destroyed Jurupari with the final blow, freeing the world from his dark influence.

After the battle, the medallion shone one last time, revealing a small golden box. Inside it was an ancient key, a letter, and a map. The

letter read: “This is your reward, Moema. The key will open the path to a new world where your powers will be even stronger, and you will face new challenges. Remember, your journey is just beginning.”

Moema and Potira, tired, hugged each other. They knew this would not be their last adventure. They were ready to move forward with a key and a map in hand, trusting each other and the new challenges that would arise. In the end, Moema’s greatest reward was not power or the key, but the certainty that Potira would not abandon her, and together they could face anything.





A DEUSA DA CHUVA E A SECA


*Elias Maciel
Neire Cardoso*

Numa bela comunidade, havia um povo simples e pacato que vivia do que plantava. Nesta cidade morava Rudá, um menino esperto e muito atencioso. Esse povo acreditava na deusa da chuva, pois, segundo a crença, ela trazia fertilidade para a terra.

Havia um altar no meio da comunidade e todos tinham um horário para adoração, que era sempre a noite, pois, segundo a tradição, a deusa da chuva conseguia ouvir o clamor do povo.

Tempos depois, houve uma seca na comunidade. A seca ficou cada vez mais forte, chegando ao extremo e destruindo todas as plantações, peixes e animais. Assim, o povo intensificou as oferendas, adorações e sacrifícios à deusa da chuva para acabar com o sofrimento que eles passavam naquele momento.

Não suportando mais, Rudá foi buscar ajuda. No caminho, ele encontrou um xamã e falou que a seca estava destruindo a cidade. Então, o xamã conselheiro disse que a culpa era de alguns homens que estavam por perto desviando a água do rio. Ele orientou Rudá para que ele fosse muito forte e valente, pois um confronto estava por vir. Por isso, deu-lhe um amuleto que possuía poderes para ajudar na luta contra o inimigo.



À noite, no caminho de volta à cidade, Rudá viu algumas luzes brilharem no escuro: era o acampamento dos inimigos. Ele fechou os olhos e pediu proteção à deusa da chuva. Um dos homens percebeu que havia alguém por perto e, logo, eles começaram a lutar. Rudá se lembrou do amuleto e o usou como reforço para vencer a batalha.

Após o conflito, a deusa da chuva apareceu para Rudá e disse que estava muito orgulhosa de todo seu esforço para salvar seu povo. Então, a deusa da chuva mandou chover por toda cidade. Tudo o que havia sido destruído pela seca voltou a ganhar vida. O povo ficou muito feliz pelo que Rudá e a deusa da chuva tinham feito pela comunidade.






THE RAIN GODDESS AND THE DROUGHT



Elias Maciel
Neire Cardoso



In a beautiful community, there were simple and peaceful people who lived off what they planted. In this city lived Rudá, a smart and very attentive boy. These people believed in the rain goddess, as according to their belief, she brought fertility to the land. There was an altar in the middle of the community, and everyone had time for worship, which was always at night, because according to tradition, the rain goddess could hear the people's pleas.

Sometime later, there was a drought in the community. The drought became increasingly severe, reaching an extreme and destroying all the crops, fish, and animals. Thus, the people intensified their offerings, worship, and sacrifices to the rain goddess to end the suffering they were experiencing at that moment.

Unable to bear it any longer, Rudá went to seek help. On the way, he met a shaman and told him that the drought was destroying the city. Then, the shaman counselor said that the fault lay with some men who were nearby diverting the river's water. He advised Rudá to be very strong and brave, as a

confrontation was coming, and so he gave him an amulet that had powers to help in the fight against the enemy.

At night, on the way back to the city, Rudá saw some lights shining in the dark; it was the enemy's camp. He closed his eyes and asked for protection from the rain goddess. One of the men noticed someone nearby, and soon they began to fight. Rudá remembered the amulet and used it as reinforcement to win the battle.

After the conflict, the rain goddess appeared to Rudá and said she was very proud of all his efforts to save his people. Then, the rain goddess made it rain throughout the city. Everything that had been destroyed by the drought came back to life. The people were very happy with what Rudá, and the rain goddess had done for the community.






FILHOS DO RIO

*Luzia Célia Santos
Rogério Hermano Silva*

Na pacífica Comunidade da Graça, onde o rio e a floresta se entrelaçavam, todos aguardavam ansiosos pelo Festival do Uaiará, uma celebração cheia de música, danças e histórias sobre o espírito protetor do rio. A cada sete anos, as pessoas celebravam a harmonia entre os mundos e agradeciam a abundância vinda de meses de fartura de peixe. Na noite do festival, os homens vestiam-se de branco e usavam chapéus para permitir que Uaiará e seus filhos andassem entre eles sem serem reconhecidos.

Os filhos desse espírito sempre iam para o festival, e eles se chamavam Caíque e Cauã. Os dois eram muito diferentes. Caíque adorava se aventurar e ser o centro das atenções, enquanto Cauã preferia observar em silêncio. Caíque acreditava que a vida era feita de momentos, já Cauã, por outro lado, sentia-se mais conectado à tranquilidade do rio, sem pressa.

Naquela noite do Festival do Uaiará, os dois irmãos seguiram caminhos distintos. Caíque encantou a Juçara com seu entusiasmo e promessas de aventuras, conquistando-a com seu sorriso. Cauã, porém, encontrou-se atraído por Agatha, uma forasteira misteriosa que parecia conhecer segredos que ninguém mais sabia.



O encontro de Caique e Juçara gerou os gêmeos, Honorato e Manahí, e as crianças herdaram a força ancestral da serpente boiuna, um poder ligado às águas profundas e aos mistérios da floresta. O destino dos gêmeos parecia entrelaçado ao equilíbrio, ou não, do rio e da terra.

Outra criança também veio ao mundo: Maíra, filha de Cauã e Agatha. Diferente dos gêmeos, Maíra carregava em si tanto o poder do rio, vindo do seu pai, quanto o poder de alterar o destino, para o bem ou para o mal, vindo da sua mãe. Ela carrega uma herança que a ligava tanto à proteção da natureza quanto ao caos enigmático dos seres feéricos.

Graça, a guardiã da comunidade, foi a primeira a perceber o dom dessas crianças e como eles teriam importância no futuro, pois ela era mais do que apenas uma sábia anciã, ela que carregava o nome da comunidade. Em sua verdadeira essência, ela era a Cuca, uma entidade protetora da floresta.

Ao reconhecer o perigo que os poderes das crianças representavam, tomou uma decisão difícil: ocultar suas origens e selar suas habilidades até que estivessem prontos para compreender sua verdadeira essência e o papel que desempenhariam na preservação da harmonia da comunidade. Além disso, entregou um amuleto para a pequena Maíra, pois sabia que ela estava destinada a usá-lo.

Vários anos se passaram, e cada um dos três cresceu longe da comunidade. No entanto, sonhos estranhos começaram a persegui-los, chamando-os de volta ao lar. Quando retornaram, encontraram a comunidade cercada por uma névoa densa, e, no mesmo momento, perceberam que algo estava errado.

Graça os esperava, não apenas para alertá-los sobre a ameaça iminente, mas também para revelar a verdade que havia sido mantida em segredo por tanto tempo. Reunindo os gêmeos e a Maíra, ela contou sobre suas verdadeiras origens e explicou que Honorato e Manahí herdaram a força da serpente boiuna, um poder ligado ao destino do rio e da floresta.

Já Maíra, filha de um ser das águas e de uma feérica, era um elo entre os dois mundos. “Vocês foram destinados a manter o equilíbrio, mas Agatha teme esse poder e quer manipulá-los à sua própria vontade”, disse Graça, com os olhos carregados de sabedoria.



A anciã então revelou para eles o seu próprio segredo: ela era a própria Cuca, um espírito protetor que vigiava a harmonia entre os mundos há gerações. Então, ela se aproximou dos gêmeos e disse: “O tempo de vocês chegou, apenas unidos poderão desfazer a maldição que cobre a floresta e salvar a comunidade”. Em seguida, ela aponta para o amuleto que Maíra usa, dizendo que ela carrega a chave para salvar ou destruir toda a harmonia.

Capítulo 2: A Jornada pela Floresta

Para salvar a comunidade, os três precisavam atravessar a floresta amazônica até a grande árvore milenar Sumaúma, onde Agatha os esperava. A caminhada era perigosa e cheia de provações. O rio Negro parecia sussurrar advertências, enquanto a mata fechada ao redor deles se tornava cada vez mais densa, com os galhos formando túneis naturais que dificultavam a passagem deles.

Eles enfrentaram igarapés traiçoeiros onde ariranhas nadavam silenciosamente, observando-os de longe. Mais adiante, um igapó lodoso se abriu diante deles, onde jacarés espreitavam. E para atravessar, foram obrigados a equilibrar-se sobre as vitórias-régias e troncos flutuantes, evitando os perigos ocultos dentro da água.

Eles perceberam que criaturas misteriosas os olhavam também entre as árvores, olhos brilhantes piscavam na névoa. Então, perceberam que eram macacos bugios, que urravam assustadoramente cada vez mais alto.

Enquanto isso, o zumbido dos insetos preenchia o ar carregado de umidade, e cada passo exigia cautela, pois a própria floresta parecia totalmente assombrada, tudo estava diferente e desarmônico, já que normalmente os animais não agem dessa forma. Logo, eles chegaram a conclusão que a Agatha estava manipulando os animais e o ambiente, buscando assustá-los a cada momento.

Em certo ponto, ouviram sussurros revelando seus medos mais profundos. Manahí viu-se envolto de sucuris que sussurravam segredos sobre seu destino, e Honorato enfrentou seu reflexo nas águas, onde sua própria imagem zombava dele, dizendo que ele nunca seria forte o suficiente.

Maíra sentiu o vento soprar em seus ouvidos, trazendo a voz de sua mãe prometendo-lhe poder e tudo que ela não teve se ela cedesse ao mal. A voz de sua mãe intercalava em pedidos doces e gritos ameaçadores.

Manahí sentia uma força estranha dentro de si, algo que ela não compreendia totalmente. Honorato tentava protegê-la, mas sabia que algo nela estava mudando e cada passo testava seus corações e suas certezas.

De repente, a névoa ficou cada vez mais forte e os envolveu de vez. Gritos ecoavam no ar e os atordoavam. Em seguida, o chão começou a tremer. Então, raízes surgiram do solo separando os três.

Manahí sentiu uma energia poderosa chamando seu nome, suas mãos tremiam e, ao olhar para a própria pele, viu pequenas escamas surgindo. A maldição da serpente boiuna estava despertando dentro dela.

Honorato lutava para alcançá-la, mas a floresta parecia conspirar contra ele. As raízes se erguiam e se enroscavam em seus braços, impedindo-o de avançar. Manahí estava à sua frente, mas ele não a alcançava. Os olhos dela começaram a brilhar em um dourado intenso, seu corpo estava tremendo entre a forma humana e a forma de serpente. “Manahí, resista! Você não é apenas a maldição, você é muito mais!”. Honorato gritou, mas sua voz parecia abafada.

A irmã olhou para ele e, por um momento, parecia hesitar. Mas, então, a voz de Agatha sussurrou em seu ouvido: “Você nunca precisou deles. O poder sempre esteve em você”.

Manahí ouviu a voz de Agatha ecoando fortemente em sua cabeça e sentiu a força da serpente boiuna crescendo dentro dela. Seu corpo estava estremeando com a energia selvagem que ameaçava sair do controle. Seu coração batia rápido, dividido entre o chamado do seu irmão e a promessa de Agatha.

O ar ficou cada vez mais denso, a floresta pulsava ao seu redor, esperando sua decisão: salvar ou destruir.

Maíra, por sua vez, encontrou-se diante da Samaúma. Entre suas raízes, viu Agatha envolta em uma luz cintilante. “Minha filha”, a voz da sua mãe ecoou. “Você sente, não sente? O poder dentro de você. Eu sei que juntas, podemos dominar este mundo”.



Maíra hesitou, mesmo sentindo que o chamado de sua mãe era tentador, mas Agatha não desistiu de trazer Manahí para o mal e continuou sussurrando promessas de poder se ela aceitasse essa aliança. Confusa e dividida, Manahí parou de hesitar e se entregou. Honorato tentou segurá-la, mas a energia da serpente e de Agatha a puxava para a escuridão de vez.

Ao lembrar dos conselhos de Graça e do amor que sente por aquele lugar, ouviu a voz de Graça ecoar em sua mente: “Você não precisa escolher entre luz e escuridão. Seu poder está no equilíbrio”.

Capítulo 3: O Peso das decisões

Agatha então ergueu os braços, e a floresta que ela estava manipulando respondeu com mais fúria. As árvores se contorceram e um vento forte girou ao redor dos jovens. Manahí estava à beira de perder o controle, sua transformação já estava quase completa.

Maíra, ao perceber que agora está sozinha com Honorato para lutar, segurou firme a sua última esperança: o amuleto deixado para ela por Graça.

Então, o amuleto brilhou com uma luz azul intensa. Com um passo decidido, ela quebrou as raízes que a prendiam, se aproximou da Samaúma e declarou: “Eu escolho o equilíbrio. Eu escolho a vida”.

Uma luz intensa emanou da árvore milenar, espalhando-se suavemente pela floresta. O ar, antes pesado, começou a se transformar, dissipando a névoa e trazendo de volta o brilho das folhas, e os animais retornaram ao seu estado normal.

Agatha gritou, tentando resistir, mas sua força começou a se enfraquecer como um eco prestes a desaparecer. Em seguida, as raízes que prendiam Honorato se soltaram, e ele correu para segurar a irmã.

“Manahí, lute! Você não precisa se perder!”, ele gritou.

Manahí então olhou para ele, com seus olhos brilhando tomados pela escuridão. Por um instante, isso mudou, pois ela viu quem realmente era: não apenas a maldição da serpente, mas tudo que o irmão enxergava nela — a guardiã do rio. E, com um sorriso triste, soltou-se das mãos do irmão e se lançou contra Agatha.

A colisão gerou uma explosão de luz, e a floresta inteira tremeu. Agatha gritou, prestes a desaparecer na luz. Ela tentava resistir, mas a floresta já não aceitava sua manipulação. Seus olhos se entristeceram ao perceber que não havia mais fuga, a própria natureza havia decidido seu destino.

Manahí encarou Honorato uma última vez. Havia paz em seu olhar, um reconhecimento silencioso de que aquele era o seu destino, e desapareceu junto com Agatha, com pequenos feixes de luz que se espalharam pelo ar, dançando entre as árvores como se seu espírito estivesse se tornando parte da floresta para sempre.

O silêncio tomou conta da floresta. O clarão de luz foi sumindo e o rio voltava a fluir livremente, com os pássaros voltando a cantar. Honorato caiu de joelhos, sentindo a ausência da irmã pesar em seu peito. Foi então que Maíra se aproximou e colocou uma mão em seu ombro, sentindo que algo havia mudado para sempre.

Quando voltaram à comunidade, Graça os recebeu com um olhar de compreensão, mas também de profundo respeito. O peso da jornada ainda estava presente nos olhos de Honorato e Maíra, mas algo dentro deles havia mudado. “O equilíbrio foi restaurado”, disse Graça com sua voz carregada de emoção.

“Vocês não são mais apenas filhos do rio”, continuou Graça. “São seus guardiões. Manahí vive em cada folha, em cada brisa que passa por esta terra. Seu espírito agora protege a floresta ao lado daqueles que vieram antes”.

Honorato respirou fundo, sentindo a energia ao seu redor. Maíra fechou os olhos e ouviu, no vento, um sussurro suave, repleto de paz e pertencimento.

Naquela noite, o Festival do Uaiará voltou a acontecer, mas dessa vez, em homenagem à coragem de Manahí. A sua bravura seria lembrada para sempre.

Honorato e Maíra sabiam que tinham um novo propósito: proteger o rio e a floresta, garantindo que a harmonia nunca fosse quebrada novamente.

E, enquanto a lua brilhava sobre a Comunidade da Graça, uma brisa suave percorreu as árvores. No vento, um sussurro gentil ecoou: “Estou em paz”.






CHILDREN OF THE RIVER



Luzia Célia Santos

Rogério Hermano Silva



In a peaceful community named Graça, where the river and the forest intertwined, everyone anxiously awaited the Festival of Uaiuará, a celebration full of music, dances, and stories about the river's protective spirit. Every seven years, the people celebrated the harmony between the worlds and gave thanks for the abundance brought by months of plentiful fish. On the night of the festival, the men wore white and used hats to allow Uaiuará and his children to walk among them without being recognized.

The children of this spirit always attended the festival, and they were called Caíque and Cauã. The two were very different. Caíque loved to adventure and be the center of attention, while Cauã preferred to observe in silence. Caíque believed that life was made of moments, while Cauã, on the other hand, felt more connected to the tranquility of the river, with no rush.

On that night of the Festival of Uaiuará, the two brothers went down different paths. Caíque charmed Juçara with his enthusiasm and promises of adventure, winning her over with his smile. Cauã, however, found himself attracted

to Agatha, a mysterious outsider who seemed to know secrets that no one else did.

Caíque and Juçara's encounter resulted in twins, Honorato and Manahí, and the children inherited the ancestral power of the boiuna snake, a force connected to the deep waters and the mysteries of the forest, with the twins' fate intertwined with the balance or imbalance of the river and the land.

But another child also came into the world: Maíra, daughter of Cauã and Agatha. Unlike the twins, Maíra carried both the river's power from her father and the ability to alter fate, for better or worse, from her mother. She carried a heritage that tied her to the protection of nature and the enigmatic chaos of the faerie beings.

Graça, the community's guardian, was the first to recognize the gift of these children and how important they would be in the future. She was more than just a wise elder. In her true essence, she was Cuca, a spirit protector of the forest.

And upon recognizing the danger posed by the children's powers, she made a difficult decision: to conceal their origins and seal their abilities until they were ready to understand their true essence and the role, they would play in preserving the harmony of the community. Furthermore, she gave Maíra an amulet, knowing that she was destined to use it.

Several years passed, and each of the three grew up away from the community. However, strange dreams began to haunt them, calling them back home. When they returned, they found the community surrounded by dense mist, and at that moment, they realized something was wrong.

Graça awaited them, not only to warn them about the imminent threat but also to reveal the truth that had been kept secret for so long. Gathering the twins and Maíra, she spoke of their true origins, explaining that Honorato and Manahí had inherited the power of the boiuna snake, a force tied to the fate of the river and the forest.

Maíra, daughter of a water spirit and a faerie, was a bridge between the two worlds. "You were destined to maintain the balance, but Agatha fears this power and wants to manipulate you for her own will," said Graça, her eyes filled with wisdom.

The elderly then revealed her own secret: she was Cuca herself, a protective spirit who had watched over the harmony between the worlds for generations. She approached the twins and said, “Your time has come. Only united will you undo the curse that covers the forest and save the community”. She then pointed to the amulet Maíra wore, saying it held the key to either saving or destroying the entire harmony.

Chapter 2: The Journey through the Forest

To save the community, the three needed to cross the Amazon rainforest to the great millennial tree, Sumaúma, where Agatha awaited them. The journey was dangerous and full of trials. The Negro River seemed to whisper warnings as the dense jungle around them grew increasingly thicker, with branches forming natural tunnels that made their passage difficult.

They faced treacherous igarapés, where otters swam silently, watching them from afar. Further ahead, a muddy igapó opened before them, where alligators lurked. To cross it, they had to balance on floating water lilies and tree trunks, avoiding hidden dangers in the water.

They realized that mysterious creatures were watching them from among the trees, their glowing eyes blinking in the mist. Then they understood that they were howler monkeys, whose terrifying cries grew louder.

Meanwhile, the hum of insects filled the air, heavy with moisture, and each step required caution, as the forest itself seemed haunted, unlike its usual self, with animals acting strangely. Soon, they concluded that Agatha was manipulating the animals and the environment, trying to scare them at every turn.

At one point, they heard whispers revealing their deepest fears. Manahí found herself surrounded by anacondas that whispered secrets about her destiny. Honorato faced his reflection in the waters, where his own image mocked him, telling him he would never be strong enough.

Maíra felt the wind blow in her ears, bringing her mother’s voice, promising her power and everything she didn’t have if she gave in to



the darkness. Her mother's voice alternated between sweet pleas and threatening screams.

Manahí felt a strange force inside her, something she couldn't fully comprehend. Honorato tried to protect her, but he knew something inside her was changing, and every step tested their hearts and convictions.

Suddenly, the mist grew stronger, enveloping them completely. Screams echoed in the air, disorienting them, and the ground began to shake. Roots rose from the soil, separating the three.

Manahí felt a powerful energy calling her name. Her hands trembled, and as she looked at her skin, she saw small scales beginning to appear. The curse of the boiuna snake was awakening within her.

Honorato fought to reach her, but the forest seemed to conspire against him, the roots rising and wrapping around his arms, preventing him from moving forward. Manahí was in front of him, and he couldn't reach her. Her eyes began to glow with an intense golden hue, her body trembling between human form and that of a snake. "Manahí, resist! You are not just the curse; you are much more!". Honorato shouted, but his voice seemed muffled.

The sister looked at him, and for a moment, she seemed to hesitate. But then, Agatha's voice whispered in her ear: "You never needed them. The power has always been inside you".

Manahí heard Agatha's voice echoing loudly in her head and felt the power of the boiuna snake growing inside her. Her body trembled with the wild energy threatening to spiral out of control. Her heart raced, torn between her brother's call and Agatha's promise.

The air grew heavier, the forest pulsing around her, awaiting her decision—to save or destroy.

Maíra, in turn, found herself before the Samaúma. Among its roots, she saw Agatha, surrounded by a shimmering light. "My daughter," her mother's voice echoed. "You feel it, don't you? The power inside you. I know that together, we can dominate this world".

Maíra hesitated. Even though she felt her mother's call was tempting, Agatha didn't give up on pulling Manahí toward evil and continued whispering promises of power if Maíra accepted this alliance.

Confused and divided, Manahí stopped hesitating and gave in. Even so, Honorato tried to hold her back, but the energy of the snake and Agatha pulled her into the darkness.

Then, remembering Graça's advice and the love she felt for that place, Maíra heard Graça's voice echo in her mind: "You don't have to choose between light and darkness. Your power lies in balance".

Chapter 3: The Weight of Decisions

Agatha then raised her arms, and the forest she had been manipulating responded with greater fury. The trees twisted, and a strong wind swirled around the young ones. Manahí was on the verge of losing control; her transformation was nearly complete.

When Maíra realized she was now alone with Honorato to fight, she held tightly to her last hope, the amulet left to her by Graça.

The amulet then glowed with an intense blue light. With a determined step, she broke the roots that held her and approached the Samaúma, declaring: "I choose balance. I choose life."

A bright light emanated from the millennial tree, spreading gently through the forest. The air, once heavy, began to transform, dissipating from the mist and bringing back the shine of the leaves. The animals returned to their normal state.

Agatha screamed, trying to resist, but her strength began to weaken like an echo about to disappear. Then, the roots that held Honorato loosened, and he ran to hold his sister.

"Manahí, fight! You don't have to lose yourself!" he shouted.

Manahí then looked at him, her eyes shining with the darkness, and for a moment, it changed because she saw who she truly was—not just the curse of the snake, but everything her brother saw in her: the guardian of the river. With a sad smile, she let go of her brother's hands and launched herself at Agatha.

The collision caused an explosion of light, and the entire forest trembled. Agatha screamed, about to disappear in the light. She tried to



resist, but the forest no longer accepted her manipulation. Her eyes saddened as she realized there was no escape—nature itself had decided her fate.

And Manahí, faced Honorato one last time. There was peace in her gaze, a silent acknowledgment that this was her fate, and she disappeared with Agatha, with small beams of light scattering through the air, dancing among the trees as if her spirit had become part of the forest forever.

Silence took over the forest. The flash of light faded, and the river began to flow freely again, with birds returning to sing. Honorato knelt, feeling the absence of his sister weighing on his chest. Then Maíra approached and placed a hand on his shoulder, sensing that something had changed forever.

When they returned to the community, Graça greeted them with a look of understanding, but also of deep respect. The weight of the journey was still present in Honorato and Maíra's eyes, but something inside them had changed. "Balance has been restored," said Graça, her voice heavy with emotion.

"You are no longer just children of the river," Graça continued. "You are its guardians. Manahí lives in every leaf, in every breeze that passes through this land. Her spirit now protects the forest alongside those who came before".

Honorato took a deep breath, feeling the energy around him. Maíra closed her eyes and listened to the wind, hearing a soft whisper filled with peace and belonging.

That night, the Festival of Uaiuará took place again, but this time in honor of Manahí's bravery. Her courage would be remembered forever.

Honorato and Maíra knew they had a new purpose: to protect the river and the forest, ensuring that harmony would never again be broken.

And as the moon shone over the Grace Community, a gentle breeze swept through the trees. In the wind, a soft whisper echoed: "I am at peace".



A CASA DO GAVIÃO

*Manoelle Carvalho
Jean Silva*

Era uma vez, um gavião que voava pelos céus se sentindo invencível e dono de todo o espaço. Ele acreditava que nada o atingiria e que a liberdade do ar era tudo o que ele precisava. Porém, um dia, uma tempestade se formou repentinamente. Um turbilhão de raios e trovões que quase apagou a luz do dia. O vento cortante e a chuva torrencial tornaram o voo impossível. O gavião, sempre orgulhoso de sua liberdade, se viu impotente diante da força da natureza.

Ele voou desesperado à procura de abrigo e, ao longe, avistou uma casa velha com telhado alto e seguro. Ele pousou ali, como um rei que se vê protegido.

Enquanto ele se abrigava da tempestade, viu outras aves em busca de proteção. Rolinhas se aninhavam nas beiradas do telhado, o joão-de-barro espiava da sua casa no ipê, e todas pareciam em paz com seus lares. O gavião, pela primeira vez, se perguntou: “Será que eu também preciso de um lugar para chamar de casa?”

Em meio à tormenta, uma coruja, conhecida por sua sabedoria ancestral, passou ao seu lado. Seus olhos eram profundos, como se soubessem de segredos antigos, e ela disse com uma voz calma:

— Jovem gavião, eu vi a tempestade se formar. Ninguém está acima dela. Todo ser tem um lar onde encontra refúgio. O que você procura não está no céu, mas no coração. Para ajudar a encontrar esse lar, entrego-lhe uma pedra encantada que sempre guiará o caminho certo, mesmo quando a dúvida aparecer.

A coruja olhou com um semblante sério e continuou:

— Quando a pedra brilhar, saberá o que fazer.

O gavião cético, mas curioso, aceitou a pedra. Assim que a tempestade passou e o sol se ergueu, ele sentiu o calor nos seus músculos e a liberdade o chamando. Ele voou alto, longe de qualquer abrigo, mas a pedra guardada em suas garras parecia vibrar levemente, como se chamasse de volta.

Naquele momento, a rolinha, sua amiga de longa data, que observava o gavião de longe, o chamou.

— Meu amigo, você vai fazer sua casa? A tempestade ainda pode voltar. Posso te ajudar.

O gavião olhou para ela com sorriso cheio de orgulho e respondeu:

— Eu não preciso de casa, rolinha. O céu é o meu lar. Eu sou feito para voar. Você pode se esconder, mas eu sou livre, sem raízes.

A rolinha, com seu olhar calmo e profundo, não desistiu.

— O que é liberdade, se não há onde se apoiar? Você voa, mas sempre volta ao chão. O que você teme não é o abrigo, mas perder a liberdade.

O gavião então olhou para a pedra em suas garras. Algo dentro dele parecia se acender, mas a voz da rolinha ainda soava em sua mente. Ele, sem querer admitir sua dúvida, olhou para o horizonte e disse:

— O céu sempre será a minha casa. Eu não preciso de mais nada.


Mas, no fundo, ele sabia que havia algo mais ali, uma decisão que ainda não tomara. O gavião olhou para a pedra uma última vez. Ela brilhou mais forte do que nunca e, pela primeira vez, percebeu que para ser livre, precisava aprender a equilibrar sua liberdade com o que realmente significa ter um lar.





THE HAWK HOME

Manoelle Carvalho
Jean Silva



Once upon a time, there was a hawk that flew through the skies feeling invincible and master of all space. He believed that nothing could touch him, that the freedom of the air was all he needed. However, one day a storm suddenly started. A whirlwind of lightning and thunder that almost extinguished the daylight. The cutting wind and torrential rain made flying impossible. The hawk, always proud of his freedom, found himself powerless in the face of nature's force.

He flew desperately in search of shelter and in the distance, he saw an old house with a high and secure roof. He landed there, like a king who finds himself protected.

While he was sheltered from the storm, he saw other birds seeking protection. Doves nestled on the edges of the roof, the clay-colored thrush peeked from its house in the ipê tree, and all seemed at peace with their homes. For the first time, the hawk wondered, "Do I also need a place to call home?"

Amidst the storm, an owl known for its ancestral wisdom passed by his side. Its eyes were deep, as if they knew ancient secrets, and it said in a calm voice:

— Young hawk, I saw the storm forming. No one is above it. Every being has a home where they find refuge. What you

seek is not in the sky, but in the heart. To help you find this home, I give you an enchanted stone that will always guide you on the right path, even when doubt appears.

The owl looked with a serious expression and continued:

— When the stone shines, you will know what to do.

The hawk, skeptical but curious, accepted the stone and as soon as the storm passed and the sun rose, he felt the warmth in his muscles and the freedom calling him. He flew high, far from any shelter, but the stone held in his claws seemed to vibrate slightly, as if calling him back.

At that moment, the dove, his longtime friend, who watched the hawk from afar, called out to him.

— My friend, are you going to make a home? The storm may still go back. I can help you.

The hawk looked at her with a proud smile and replied:

— I don't need a home, dove. The sky is my home. I am made to fly. You can hide, but I am free, without roots.

The dove, with her calm and deep gaze, did not give up.

— What is freedom if there is nowhere to lean on? You fly, but you always return to the ground. What you fear is not shelter but losing your freedom.

The hawk then looked at the stone in his claws. Something inside him seemed to ignite, but the dove's voice still echoed in his mind. Unwilling to admit his doubt, he looked at the horizon and said:

— The sky will always be my home. I don't need anything else.

But deep down, he knew there was something more, a decision he had not yet made. The hawk looked at the stone one last time. It shone brighter than ever and for the first time, he realized that to be free, he needed to learn to balance his freedom with what truly means to have a home.



KAIRÃ, O GUERREIRO MURA¹

*Marivânia Stefany Nogueira Belém
Jairo Martins Ferreira
Maria Vitória Castro da Silva
Daiane Castro Rodrigues*

Kairã era indígena mura, descendente de fortes tuxauas e vivia em uma comunidade junto aos seus parentes no interior do município de Itacoatiara. Seu pai havia partido dali há muito tempo, sozinho, e passou a viver na sede do município, se tornando um comerciante. Kairã amava o lugar onde morava e tinha muito orgulho de suas origens. Gostava da pesca, da caça e de passar horas à beira do rio conversando com seu amigo Porã, uma atividade rotineira que fazia todos os dias até o manto da noite encobrir o céu.

Quando completou 19 anos, seu pai, morrendo de saudades, o levou para morar na sede com ele. O homem desejava que o filho seguisse seus passos, abandonasse os costumes indígenas e o auxiliasse nos negócios. Contudo, aos 25 anos, soube pelo noticiário das queimadas que aconteciam ao redor das terras dos Mura e voltou para descobrir suas causas e tentar combatê-las, a contragosto do pai.

Retornando a floresta, reencontrou Porã, seu grande amigo, e este relata os motivos daquele desastre:

¹ MURA, M. A. *Povos Indígenas no Brasil*: Mura. 2018.

— As queimadas são fruto da ganância dos grandes fazendeiros que desmatam a floresta para construir pastagens bovinas — disse Porã.

— Precisamos combatê-las! — exclamou o guerreiro.

Os amigos saíram mata adentro, apagando os focos de incêndio com técnicas que aprenderam ainda na infância, sendo logo acompanhados por outros parentes. Em uma dessas incursões, Kairã presenciou a traição de Sapucaia, líder dos Mura, que estava mostrando aos homens dos fazendeiros onde deveriam tacar fogo. O jovem ficou furioso e pensou em alertar os demais, porém sabia da influência de Sapucaia e, por isso, preferiu ficar calado.

Valentes, os dois amigos guerreiros e seus aliados seguiram na missão de proteger a floresta e seus parentes. Ainda assim, o trabalho é árduo e nem sempre conseguem evitar que grandes porções da floresta sejam destruídas. Numa dessas ocasiões, Porã avista uma criança — que estava acompanhando o grupo — presa entre as chamas. Ao salvá-la, acaba perdendo a própria vida. Kairã, assim, percebe que a batalha contra os incêndios não estava limitada a apagar o fogo. Era necessário também identificar os responsáveis e denunciá-los, incluindo Sapucaia, o líder corrupto.

Kairã leva o corpo do amigo para todos os parentes verem e denuncia o acordo entre os fazendeiros e Sapucaia. Há um grande tumulto entre os indígenas, mas, ao ver a maioria ficar ao lado do jovem guerreiro, o então líder confessa seus crimes. Os Mura, então, conseguem expulsar Sapucaia e os fazendeiros do seu território, finalmente acabando com as queimadas na região.

Os parentes, em festa, proclamam Kairã como novo líder e pedem para ele ser a ponte entre a comunidade e os homens da cidade e, assim, todos aprenderem a proteger as matas. O pai do jovem mura torceu o nariz quando soube da decisão do filho, mas, enfim, aceitou. Tempos depois, o comerciante também refez os laços com suas raízes indígenas.



KAIRÃ, THE MURA WARRIOR




Marivânia Stefany Nogueira Belém

Jairo Martins Ferreira

Maria Vitória Castro da Silva

Daiane Castro Rodrigues



Kairã was an indigenous Mura, descended from strong tuxauas (chiefs), and lived in a community with his relatives in the forests of Itacoatiara municipality. His father had long left the community to live in the urban area, becoming a merchant. Kairã loved the place where he lived and was proud of his origins. He enjoyed fishing, hunting, and spending hours by the river talking with his friend Porã, a daily routine he followed until the night's mantle covered the sky.

When he turned 19, his father, longing, took him to live in the urban area. The man wanted his son to follow his footsteps, abandoning the indigenous customs, and help him with his business. However, at 25 Kairã learned about the wildfires spreading around the Mura lands and returned to the community to discover the cause and try to help, against his father's interests.

He reunited with Porã, his best friend who explained the reason for the disaster:

— The fires are the result of farmers' greed who carry out deforestation to establish new cattle pastures — said Porã.

— We need to fight them! — exclaimed the warrior.

The friends ventured into the forest, extinguishing the fires with techniques they had learned in childhood. Soon, they were joined by other indigenous relatives. During one of the firefighting missions, Kairã witnessed the betrayal of Sapucaia, the Mura leader who was showing the farmers' men where to set fire. The young man was enraged and considered exposing it to the others, but he knew of Sapucaia's influence and chose to remain silent.

Bravely, the two warrior friends and their allies continued their mission to protect the forest and their locals. Unfortunately, they couldn't always prevent large portions of the forest from being destroyed. On one such occasion, Porã spotted a child who had been following the group, trapped in the flames. While saving the child's life, he lost his own. Kairã then realized that the battle against the fires was not limited to extinguishing the flames. It was also necessary to identify those responsible and denounce them, including Sapucaia, the corrupt leader.

Kairã took his friend's body to the community and spoke openly about the treacherous deal between the farmers and Sapucaia. There was great turmoil among the indigenous place, but with most of the people standing by the young warrior's side, the then-leader confessed his crimes. Then, the Mura managed to expel Sapucaia and the farmers from their territory, finally putting an end to the wildfires in the region.

The people in celebration proclaimed Kairã as the new tuxaua and asked him to be the link between the indigenous community and the townspeople so that everyone could protect the forests together. Kairã's father frowned when he learned of his son's decision but eventually accepted it. Sometime later, the merchant also reconnected with his indigenous roots.



O PROTETOR DA FLORESTA

*Michael de Souza Lima
Madeson Alves de Freitas
Rafael Raposo Ramos*

Certa vez, um grupo de invasores entrou nas terras do INCRA, destinadas à preservação da natureza em Itacoatiara. Kelvin, mesmo sem nenhuma experiência, resolveu acompanhar os homens, de olho na grana que conseguiria com o corte de madeira e com a carne de caça. Não sabia fazer muita coisa além de carregar os materiais de um lado para o outro, obedecendo às ordens dos mais velhos.

No primeiro dia, os invasores conseguiram abrir uma pequena clareira na floresta e montaram um tipo precário de acampamento. Naquela noite, fizeram uma fogueira e estavam preparando um ensopado enquanto bebiam cachaça. Kelvin era dos mais empolgados e entornava sem dó, até que foi interrompido pela vontade de mijar. Ele caminhou em direção à mata, tentando se afastar o máximo que pudesse do acampamento.

No breu, ele desamarrou os laços da bermuda e começou a urinar. A embriaguez o fazia arquear para frente, quase perdendo o equilíbrio. Kelvin ria ao se lembrar das piadas dos companheiros, nem percebeu o repentino silêncio ao seu redor. Não havia grilo ou sapo com vontade de fazer barulho. Foi quando um forte tapa no ombro direito o jogou no chão.

Kelvin estava confuso. Sentia a tontura do álcool, a dor do impacto do golpe e ainda o sangue a escorrer das costas. Foi quando ouviu a esturrada e o bafô quente perto de si, e teve a noção de que não sobreviveria. Uma grande onça pintada o encarava com as longas presas à mostra. Fechou os olhos e esperou pela morte, mas foi então que ouviu:

— Tupana mandou. O que era meu, agora é teu. O que tu não fazia, agora vai fazer.

Desnorteados, Kelvin acordou dentro de uma gaiola improvisada com a madeira recém-retirada da floresta. Escutou os homens discutindo o que fazer com ele. Ouviu falarem que ele estava indo e voltando de dentro da mata há dias. Que ficou louco e passou a atacar os companheiros, soltava os animais capturados e destruía os equipamentos para o corte de madeira. Diziam que ele rosnava feito bicho e que precisaram montar uma armadilha para onças na esperança de capturá-lo. Discutiam se deviam matá-lo ali mesmo.

Kelvin então se lembrou das histórias que sua avó contava. Que dentro da floresta existem seres capazes de se transformar em animais para proteger a fauna e a flora. “Encantados” era como ela chamava essas criaturas. Ele entendeu que o encontro com a onça mudou sua vida para sempre. Não voltaria para a cidade nunca mais. Seu lugar agora era entre os animais. Seu trabalho: confrontar os agressores da natureza.

O jovem olhou para o sol e lembrou do nome de Tupana, deus brilhante. Sua pele se rasgou e dela surgiu uma grande onça pintada. Bicho robusto, que facilmente quebrou a gaiola e arrasou todo o acampamento. A poderosa besta sumiu entre as árvores. Lentamente, o matagal encobriu qualquer vestígio da presença dos invasores naquele lugar.

Tempos depois, relatos de caboclos diziam que, naquelas terras, havia um homem que virava onça e que não deixava ninguém maltratar planta ou animal. O povo o chamava de “Encantado”.




THE PROTECTOR OF THE FOREST



Michael de Souza Lima

Madeson Alves de Freitas

Rafael Raposo Ramos



Once, a group of invaders broke into the lands designated for nature preservation in Itacoatiara. Kelvin, despite having no previous experience, decided to join the gang, hoping to make some money from logging and hunting. He didn't know much beyond carrying materials back and forth, following the orders of the older men.

On the first day, the invaders managed to clear a small area in the forest and set up a makeshift camp. That night, they made a fire and were preparing a stew while drinking cachaça. Kelvin was one of the most excited and drank freely until he was interrupted by the urge to pee. He walked toward the woods, trying to distance himself from the camp as much as possible.

In the dark, he untied his shorts and began to urinate. The drunkenness made him lean forward, nearly losing his balance. Kelvin laughed remembering his companions' jokes and didn't notice the sudden silence around him. There were no crickets or frogs making noise. That's when a strong slap on his right shoulder sent him crashing to the ground.

Kelvin was confused. He felt the dizziness from the alcohol, the pain from the impact of the blow, and the blood

trickling down his back. It was when he heard the growling and the hot breath near him that he realized he wouldn't survive. A large jaguar stared at him; its long fangs exposed. He closed his eyes and awaited death, but then he heard:

— Tupana commands. What was mine is now yours. What you didn't do, now you will do.

Kelvin woke up inside an improvised cage made from wood recently taken from the forest. He heard the men arguing about what to do with him. He overheard them saying that, for days, the young man had been coming and going from the woods. That he's gone crazy and started attacking his companions, releasing captured animals and destroying the logging equipment. They said he growled like an animal and that they had to set up a jaguar trap in hopes of capturing him. They were debating whether to kill him right there.

The young men then remembered the stories his grandmother used to tell. She said that within the forest, there are beings capable of turning into wild animals to protect the fauna and the flora. "Encantados" was what she used to name such creatures. He understood that the encounter with the jaguar had changed his life forever. He would never return to the city again. His place was now among the animals. His job: to oppose the aggressors of nature.

The lad looked at the sun and recalled the name of Tupana, the bright god. His skin tore, and from it emerged a great jaguar. A powerful creature that easily broke the cage and destroyed the entire camp. The mighty beast vanished among the trees. Slowly, the underbrush covered any trace of the invaders' presence in that place.

Later, reports from locals told of a man who could turn into a jaguar and wouldn't allow anyone to harm any plants or animals. The people called him the "Encantado".



SANTIAGO, O HERÓI DO POVO


Tayane Neves Lopes
Artemiza Oliveira Lima
Alex Dilson Vasconcelos da Silva
José Everton Maia da Silva
Jhulyane Cristine Silva Santos

Santiago, o herói do povo, nascido de uma família ribeirinha, filho do presidente da comunidade. Um jovem pescador que amava ficar na beira do rio, seu único lugar de paz. Era apaixonado pelas águas e por uma moça, Jasmine. Ele tinha apenas duas preocupações: cuidar de seu povo e de sua amada.

Santiago era bem-visto na sua comunidade, pois, apesar de ser filho do presidente, Sr. Pacheco, fazia o possível para beneficiar o povo. Sempre que saía para as suas aventuras, as pescarias, trazia com ele muitos peixes e doava para as pessoas de sua terra. Era chamado de “o herói do povo”.

Um belo dia, Santiago saiu para pescar e sentiu vontade de ir a um lugar distante, mais conhecida como “a ilha do risco”. Lendas diziam que os peixes dali eram enormes, mas nenhum pescador que se arriscou a capturá-los voltou de lá. Santiago era destemido e ignorava os causos dos mais velhos. Mal sabia ele que aquela decisão mudaria sua vida para sempre.

Ele seguiu sua viagem e alcançou a famosa ilha. Pescou inúmeros peixes, tão grandes quanto as histórias falavam. Perto



do fim da tarde, Santiago amarrou o barco na beira e foi à terra para fumar e admirar o pôr-do-sol. Sem que ele percebesse, a corda misteriosamente se soltou do tronco e o barco desapareceu rio abaixo. Santiago se viu sem meios de voltar para casa, verdadeiramente ilhado.

Pela primeira vez, ele temeu, pois, naquele lugar, à noite poderia ser muito perigosa. Por mais que fosse de origem ribeirinha, Santiago pouco sabia como sobreviver na floresta sem ferramentas, como terçados, pederneiras ou bússola para se orientar.

Dias se passaram sem que ninguém aparecesse para resgatá-lo. Desesperado, se lançou às águas, na tentativa de chegar a uma margem em que pudesse encontrar um caminho para casa. Santiago nadou por bastante tempo sem se aproximar de beira alguma.

A exaustão o fez delirar. Se imaginou sendo resgatado e voltando para casa, para a sua Jasmine. Quando finalmente retomou a razão, deixou seu corpo relaxar e, flutuando de braços abertos, disse: “Irei morrer exilado, longe de casa neste lugar perigoso. Quem agora será o herói do meu povo?”





SANTIAGO, THE HERO OF THE PEOPLE




Tayane Neves Lopes

Artemiza Oliveira Lima

Alex Dilson Vasconcelos da Silva

José Everton Maia da Silva

Jhulyane Cristine Silva Santos



Santiago, the hero of the people, was born into a river people family, the son of the community's president. A young fisherman who loved to stay by the river, his only place of peace. He was passionate about the waters and a young woman named Jasmine. He had only two concerns: taking care of his people and his beloved one.

Santiago was well-regarded in his community because, despite being the son of President Mr. Pacheco, he did his best to benefit the people instead. Whenever he went on his adventures, his fishing trips, he would return with many fish and donate them to the people. He was known as "the hero of the people".

On a beautiful day, Santiago went fishing and felt the urge to go to a distant place, better known as "the island of risk". Legends tell the fish there were huge, but no fisherman who dared to catch them ever returned. Santiago was bold and ignored the stories of the elders. Little did he know that this decision would change his life forever.

He continued his journey and reached the famous island. He caught numerous fish, as large as the stories had described. Near the end of the afternoon, Santiago tied the boat to the shore and went on land to smoke and enjoy the sunset. Without him noticing, the rope mysteriously loosened from the trunk, and the boat disappeared down the river. Santiago found himself without a way to return home, truly stranded.

For the first time, he feared his life, because at night, that island could be very dangerous. Even though he came from a riverside family, Santiago knew little about surviving in the forest without tools like machetes, a flint, or a compass to guide him.

Days passed without anyone showing up to rescue him. Desperate, he threw himself into the water to reach a bank where he could find his way home. Santiago swam for a long time without getting close to any shore.

Exhaustion made him delirious. He imagined being rescued and returning home to his Jasmine. When he finally regained his senses, he let his body relax and, floating with his arms outstretched, he said:

— I will die exiled, far from home, in this dangerous place. Who will be the hero of my people now?





NAIRA


*Lealssis Felipe do Nascimento Serrão
Reynaila Miranda dos Santos
Beatriz Viana Soares*

Naira vive na ilha de Waku Pi'ã, onde todas as mulheres são criadas para casar-se. Ao se tornarem adultas, elas passam por uma seleção para que os homens — sempre em menor número que as mulheres da ilha — possam escolher suas esposas. As mulheres não escolhidas são executadas para que seja mantido o equilíbrio populacional.

Juntamente com outras mulheres, Naira decide, então, não se submeter a esse sistema. No dia da seleção, todas fogem para a floresta. Inã, o chefe do conselho da ilha, descobre a fuga e ordena que os guerreiros as encontrem.

Ka'wê, filho de Inã, fica sabendo da situação e parte em busca delas. Após encontrá-las, antes dos guerreiros, ele as ajuda com armamentos, já que sempre foi contra esse sistema do conselho.

Muitos dias se passaram e os guerreiros de Waku Pi'ã finalmente encontram as mulheres rebeladas. A mando de Inã, fazem uma falsa proposta: se elas se renderem, as mulheres rejeitadas na seleção não serão mortas. Naira acaba descobrindo as reais intenções deles e elabora um plano para acabar de vez com esse sistema. Ela encoraja as outras mulheres que estão na



ilha para que juntas possam enfrentar o conselho e libertar a todos do destino mortal.

No dia da seleção, Naira dá início ao seu plano. Ela orienta suas companheiras sobre o que cada uma deve fazer e onde cada uma precisa estar. Enquanto as outras mulheres distraem os homens durante a seleção, Naira vai atrás de Inã para matá-lo, já que ele é o grande líder. No entanto, Inã já estava ciente dos planos de Naira e a surpreende.

Inã percebe o medo e a hesitação da moça e se aproveita da situação para manipulá-la psicologicamente. Quando Naira já está ficando abalada, Ka'wê entra na sala e distrai Inã. O aliado a encoraja a acabar com tudo aquilo naquele momento, a fazendo lembrar da razão de estar ali.

O líder do conselho de Waku Pi'ã é consumido pelo ódio e arremessa uma faca na direção de Ka'wê, o acertando no ombro. Naira, ao ver seu amigo ferido, toma coragem, pega sua adaga e perfura várias vezes o pescoço de Inã que morre no mesmo instante. Naira se torna a chefe do conselho e acaba com o sistema de seleção de esposas.


Agora, Naira e as outras mulheres têm liberdade para fazer suas próprias escolhas e decidirem seu futuro.





NAIRA

Lealssis Felipe do Nascimento Serrão
Reynaila Miranda dos Santos
Beatriz Viana Soares



Naira lives in the Waku Pi'ã island, a place where all women are raised to become wives. When they become adults, the Waku Pi'ã women must be chosen by one man to marry. The ones not selected are executed so the number of men and women in the island remain equivalent.

Along with other women, Naira decides to rebel against the system and run to the forest. Inã, council chief of the island, learns about the run and commands the warriors to seek them.

Ka'wê, son of Inã, is aware of the situation and goes after the runaway women. He finds them before the warriors and helps them with weapons, once he too is against the system.

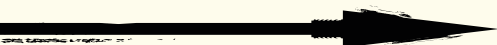
Several days go by and the Waku Pi'ã warriors finally find the rebels. Following Inã's instructions, they try to persuade Naira and the others with a false proposition: once they surrender, no rejected woman shall be slain after the selection. Naira discovers the warriors true intentions and plans to end the system for good. She intends to motivate all the women in the island to get together and confront the council to cease this mortal custom.

On the selection day, Naira begins. She tells the women where to be and where to do. While her comrades distract the men, Naira goes for Inã to kill him. On the other hand, Inã is also aware of Naira's intentions, and surprises her.

Inã perceives Naira's fear and hesitation. He then tries to manipulate the woman's mind but, suddenly, Ka'wê gets into the room and breaks his father's dominion over Naira. The young woman remembers her original purpose.

The Island leader is full of hatred now. He throws a knife against Ka'wê, striking his son on the shoulder. After seeing her friend wounded, Naira takes her dagger and stabs Inã continuously on his neck till death.

Naira takes Inã place as the leader of the Waku Pĩã council. Her first attitude is to terminate the wives selection tradition. Now, Naira and the other women are free to decide their own future.





AKĂWERA

*Sara Rebeca Ramos Santos Sales
Eduarda da Pena Fonseca
Heloisa dos Santos Pereira*

Em tempos imemoriais, antes dos conquistadores usurparem a terra, perto do Curuçá, havia uma ilha ocultada por uma espessa bruma que a protegia de invasores, ao mesmo tempo que isolava os habitantes do contato com outros povos. Chamavam “Ilha de Sacará”, por causa do lago de mesmo nome. Não se conhecia quem tivesse coragem de atravessar aquela cerração densa para descobrir o que tinha do lado de lá.

Voltando da terra dos Parintintins, um velho indígena — que adotou o nome Roberto após ser convertido pelos Jesuítas — me contou uma história de quando seus ancestrais cruzaram o Lago Sacará rumo a névoa, fugindo de inimigos. Apenas aquele que se tornaria seu descendente direto conseguiu retornar da ilha de Akãwera — o nome dado pelo povo que ali habitara. Eis o que ele me disse:

Akãwera significa “caveira”, mas apesar do nome terrível, era um paraíso perdido banhado por águas cristalinas e cercado por exuberantes florestas. Um lugar onde a fertilidade da terra se unia à sabedoria dos antigos.

Duas nações ocupavam a ilha: os Juma, ao norte, e os Jiahui, no sul. Todos eram parentes dos Kagwahiva,

mas chamavam uns aos outros de “tapy’yn”, que quer dizer “inimigo”. A contenda entre os dois grupos era permanente. Para evitar que um passasse para o lado do outro, uma corda feita de cipós entrelaçados foi atravessada no meio da ilha, delimitando os dois territórios.

O povo dos Juma vivia em harmonia sob o governo de Byahú, tuxaua justo e amado por todos. Sua liderança trouxe prosperidade e paz, permitindo que os habitantes prosperassem em suas colheitas, artesanato e comércio. No entanto, inesperadamente, Byahú foi encontrado sem vida. A notícia de sua morte se espalhou como fogo. A dor e o desespero tomaram conta do povo, mas havia uma luz na escuridão: seu filho Pyrehakatu estava preparado para assumir o lugar do pai.

Desde cedo, Pyrehakatu ouvira histórias sobre sua linhagem e as responsabilidades que viriam com a posição de tuxaua. Com um tom de voz carregado de emoção, ele fez uma promessa que ecoaria por toda a ilha: “O filho de Byahú será um líder próspero! Ele governará os Juma e os Jiahui como uma única nação Kagwahiva e enfrentará grandes desafios!”.

Essas palavras despertaram a ira de Diai’í, tuxaua dos Jiahui. Ele ficou furioso com a promessa de Pyrehakatu. Para Diai’í, a ideia de outro chefe governar seu território era inaceitável. Ele declarou guerra contra os Juma. No entanto, em uma noite sombria, em meio a intrigas, Diai’í foi envenenado por seus próprios conselheiros — homens que temiam mais por suas vidas, do que pela fúria de seu tuxaua. Após a morte de Diai’í, seu filho, Nimuendaju, assumiu a cabeça dos Jiahui. A dor pela perda do pai pesava em seu coração, mas também alimentava uma chama de determinação dentro dele. O último desejo de Diai’í era que Nimuendaju enfrentasse Pyrehakatu pelo domínio da Ilha Akãwera.

Assim começou uma jornada de vingança. Durante anos, Nimuendaju se preparou incansavelmente nas artes da guerra. Ele reuniu guerreiros ferozes ao seu redor que compartilhavam sua determinação. Enquanto isso, Pyrehakatu crescia sob o peso da responsabilidade. Ele se tornou um jovem tuxaua sábio e destemido, aprendendo com os conselheiros do pai sobre liderança e justiça. Apesar da promessa que fez, Pyrehakatu nunca imaginou enfrentar um rival tão formidável quanto Nimuendaju.




A tensão pairava no ar quando as duas forças se encontraram no limite entre as duas nações. Os guerreiros gritavam palavras de encorajamento enquanto as bordunas e zagaiais eram agitadas no ar. Pyrehakatu lutou com coragem ao lado de seus homens. Cada movimento era preciso e calculado. Nimuendaju, por sua vez, canalizava toda a dor da perda de seu pai em cada golpe contra o rival. Mas, no clímax da batalha — quando a balança parecia equilibrada entre os dois lados — Pyrehakatu encontrou uma abertura inesperada na defesa de Nimuendaju. Com um golpe rápido e decisivo, ele atravessou sua zagaia no corpo do rival. A expressão de Nimuendaju mesclava dor e incredulidade ao ser derrotado por aquele que sempre considerara seu inimigo jurado.

Com um olhar triunfante, Pyrehakatu se aproximou dele e declarou: “Eu sou o grande tuxaua!” — Então, com um gesto final, marcado pela frieza da guerra, ele arrancou a cabeça de Nimuendaju. A vitória veio acompanhada de silêncio. Os gritos dos guerreiros cessaram enquanto todos testemunhavam o desfecho trágico daquela luta épica. Pyrehakatu voltou para casa vitorioso, dando início a uma nova era de unificação de todos os Kagwahiva de Akãwera.



AKĀWERA

Sara Rebeca Ramos Santos Sales
Eduarda da Pena Fonseca
Heloisa dos Santos Pereira



In a forgotten time, before the usurpers took the land, near the Curuça, there was an island hidden by a deep mist which protected its inhabitants as well as prevented them of contacting other peoples. It was called “Sacará Isle” after the name of the surrounding lake. None would risk his life to learn what existed beyond that fog.

Coming from the land of the Parintintins, an old indigenous fellow named Roberto — since his conversion by the Jesuits — told me a story of the time his ancestors swam across the Sacará Lake into the mist, running from enemies. Only the one who’d become his direct descendant made to come back from the Akāwera — the name the islanders have given to that place. This is what he said:

Akāwera means “skull”. Though it was a dreadful name, it was a lost paradise, bathed by crystal clear waters and surrounded by exuberant forests. A place where the fertility of the earth joined the wisdom of the ancients.

There were two nations on the island. The Juma people in the north, and the Jiahui in the south. Both nations were originally from the Kagwahira clan, but they called each other

“tapy’yn” which means “enemy”. To keep away one group from another, a long rope of tangled vine was stretched dividing the territory.

The Juma people lived in harmony under Byahú, a tuxaua (chief) just and loved by all. His leadership brought prosperity and peace, and the inhabitants thrived in their harvests, crafts and trade. In a turn of events, Byahú was found lifeless, and the news of his passing spread like fire. The pain and despair took over his people, but there was a light in the darkness: his son Pyrehakatu was ready to rightfully take his place.

From an early age, Pyrehakatu had heard stories about his brave lineage and the responsibilities that would come with the new position. With a voice-laden tone, he made a promise that would echo on the island: “The tuxaua’s son will be prosperous, he will rule the Juma and the Jiahui as one single Kagwahiva nation and face great challenges”.

These words sparked the wrath of Diai’í, tuxaua of the Jiahui. He became furious with Pyrehakatu’s pledge. For Diai’í, the idea of another chief ruling over his territory was unacceptable. He proclaimed war against the Juma. However, on a shadowy night, amid land intrigues, Diai’í was poisoned by his own counselors — men who feared for their lives more than their chief’s rage. After the death of Diai’í, his son Nimuendaju took over the leadership. The pain for the loss of the father weighed in his heart, but he also felt a flame of determination burning inside him. Diai’í’s last desire was that Nimuendaju faced Pyrehakatu for the Akāwera Island dominance.

Thus, began a journey of revenge. For years, Nimuendaju has studied tirelessly in the arts of war. He gathered loyal fierce warriors around him who shared his will and determination. Meanwhile, Pyrehakatu has grown over the weight of responsibility. He became a wise and fearless young tuxaua, learning from his father’s counselors about leadership and diplomacy. Although the promise he’s made, Pyrehakatu never imagined facing a rival as formidable as Nimuendaju.

The air was heavy with tension as the two forces met at the border between the two territories. The warriors shouted words of encouragement while they raised the war clubs and spears. Pyrehakatu fought with courage alongside his men. Each movement was accurate and calculated.

Nimuendaju, on the other side, channeled all the pain for the loss of his father in every blow against his rival. But at the climax of the battle — when hopes seemed balanced between both sides — Pyrehakatu found an unexpected opening in Nimuendaju’s defense. With a quick and decisive blow, he passed his spear through the rival tuxauas’s body who expressed a mix of pain and disbelief while being defeated by his sworn enemy.

With triumphant eyes, Pyrehakatu approached him and stated, “I am the great tuxaua!” Then, with a final gesture marked by the coldness of war, he tore Nimuendaju’s head. The victory came with an unpleasant silence. The shouts of the warriors ceased as they all witnessed the tragic outcome of the epic battle. Pyrehakatu victoriously returned home, beginning a new era of unification of the Kagwahiva peoples in Akāwera.





O VALOR DE TOMÉ

*Gizele Medeiros da Cruz
Luís Henrique Pereira Pinto*

Numa pequena comunidade, cercada por vales e um rio sereno, vivia um jovem chamado Tomé. Desde cedo, ele se destacou por sua bondade e coragem inabalável, sempre pronto para ajudar aqueles que precisavam. Sua reputação se espalhou entre os moradores, que o viam como um amigo leal e um exemplo a ser seguido.

Certa manhã, enquanto o sol nascia timidamente no horizonte, uma nuvem escura se formou sobre a comunidade. A princípio, o vento sussurrava entre as árvores, mas logo se transformou em um rugido ameaçador. Em questão de minutos, a tempestade se intensificou e o rio começou a subir rapidamente, ameaçando inundar as casas.

O pânico tomou conta dos moradores, que corriam para todos os lados sem saber o que fazer. Tomé, percebendo a gravidade da situação, reuniu todos na praça da igreja. Com uma voz firme e encorajadora, ele disse: “Vamos nos unir! Precisamos construir barreiras com sacos de areia para desviar a água e proteger nossos lares!”

Mesmo sentindo seu próprio coração acelerar, com medo do que poderia acontecer, ele sabia que precisava liderar pelo exemplo. Com determinação ardente em seu coração, Tomé

organizou os moradores em grupos. Enquanto trabalhavam juntos sob a chuva torrencial, sua presença inspiradora trouxe esperança e motivação a todos. Ele corria de um lado para o outro, ajudando a carregar os sacos pesados e orientando os mais jovens sobre como empilhá-los corretamente. O espírito de união crescia entre eles; cada risada nervosa e cada palavra de encorajamento tornavam-se um bálsamo contra o medo.

Em meio a essa correria frenética, Tomé avistou uma senhora idosa chamada Dona Clara, que tentava desesperadamente guardar suas coisas em um lugar seguro. Sem hesitar, ele correu até ela e disse: “Deixe-me ajudar!”.

Com gentileza, ele pegou os pertences dela e a guiou até um local elevado onde ficaria segura. A gratidão nos olhos dela fez sua alma brilhar. As horas passaram e a chuva finalmente começou a diminuir. Graças ao esforço coletivo liderado por Tomé e à solidariedade dos moradores, as barreiras de areia conseguiram desviar a maior parte da água.


Quando o sol voltou a brilhar sobre a comunidade, um sentimento de alívio tomou conta de todos. No final do dia, os residentes se reuniram na praça da igreja novamente. Com sorrisos no rosto e lágrimas de gratidão nos olhos, eles celebraram não apenas a salvação de suas casas, mas também a bravura de Tomé que foi saudado como um verdadeiro herói.





THE VALUE OF TOMÉ

Gizele Medeiros da Cruz
Luís Henrique Pereira Pinto



In a small village surrounded by a green valley and a calm river, there was a young man named Tomé. From an early age, he stood out for his kindness and courage, always ready to help those in need. His reputation spread among the villagers, who saw him as a loyal friend and an example to follow.

On a certain morning, as the sun rose on the horizon, dark clouds covered the village. At first, the wind whistled through the trees, but soon it turned into a roar. In minutes, the storm intensified, and the river began to rise rapidly, threatening to flood the houses.

Panic spread among the inhabitants who ran around without knowing what to do. Tomé, realizing the gravity of the situation, gathered the people at the church square. With a firm and encouraging voice, he said: "Let's unite! We need to build barriers with sandbags to protect our homes from the imminent flood!"

Even feeling his own heartbeat full of fear, he knew he had to lead by example. With burning determination, Tomé organized the villagers in groups. As they worked together under the heavy rain, his inspiring presence brought hope and motivation to all. He moved around to help carry the bags

and guided the younger ones on how to stack them properly. The spirit of union grew over them. Every nervous laughter and every word of encouragement became a protection against fear.

During the rush, Tomé spotted an elderly woman named Ms. Clara, who was desperately trying to secure her belongings. Without hesitation, he got closer and said, "Let me help!" - He kindly took her belongings and guided her to higher ground where she would be safe. The gratitude in her eyes made his soul shine.

Hours passed and the rain finally began to diminish. Thanks to the collective effort led by Tomé and the solidarity of the villagers, the sandbag barriers managed to divert most of the water.

When the sun shone upon the village again, a feeling of relief washed over everyone. At the end of the day, the inhabitants gathered in the square once more. With smiles on their faces and tears of gratitude in their eyes, they celebrated not only the salvation of their homes but also Tomé's bravery. He was praised as a true hero.

REFERÊNCIAS



- ANAZ, S. A. L. Teoria dos arquétipos e construção de personagens em filmes e séries. *Significação: Revista de Cultura Audiovisual*, São Paulo, v. 47, n. 54, p. 251-270, jul./dez. 2020.
- BRAGA, C. (org.). *Silves: cidade risonha*. Antologia Poética. Manaus: Reggo, 2021. 112 p.
- BURGESS, A. *A literatura inglesa*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996.
- CAMPBELL, J. *O herói de mil faces*. Tradução Adail Ubirajara Sobral. 10. ed. São Paulo: CULTRIX, 1997.
- DALVI, M. A. Movimentações teóricas acerca do ensino de literatura (e a “enorme predisposição a colaborar”). In: REZENDE *et al.* *Literatura em espaços de Ensino*. São Paulo: FEUSP, 2024. 232 p.
- EAGLETON, T. *Teoria da Literatura: uma introdução*. Tradução Waltesin Dutra; [revisão na tradução: João Azenha Jr.]. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006 (Biblioteca Universal).
- FRANCA NETO, A. C.; MILTON, J. *Literatura Inglesa*. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009. 276 p.
- GREENBLATT, A.; ABRAMS, M. H. *The Norton Anthology of English Literature*. 8. ed. Londres: W.W. Norton & Company Ltd., 2005. p. 114-115.
- KRACKE, W. *Povos Indígenas do Brasil: Parintintim*. 25 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Parintintim>. Acesso em: 16 jul. 2025.
- KRESS, G. R. *Multimodality: a social-semiotic approach to contemporary communication*. p. cm. New York: Routledge, 2010.

- LAZAR, G. *Literature and Language Teaching: a guide for teachers and trainers*. p. cm. (Cambridge teacher training and development). Cambridge University Press, 2013.
- MURA, M. A. *Povos Indígenas no Brasil*: Mura. 1 de agosto de 2018. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Mura>. Acesso em: 13 set. 2024.
- REZENDE *et al.* *Literatura em espaços de Ensino*. São Paulo: FEUSP, 2024. 232 p.
- REZENDE, N. L. Leitura e escrita literárias no âmbito escolar: situação e perspectivas. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 32, n. 93, p. 93-105, maio/ago. 2018.
- THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- YAMÃ, Y. *Sehaypóri: o livro sagrado do povo Saterê-Mawé*. São Paulo: Peirópolis, 2007.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Érica Kelly Nogueira Amorim

Graduada em Letras — Língua Inglesa pela Universidade Federal do Amazonas (2009). Especialista em Ensino da Língua Inglesa e Literatura Anglo-americana pelo Centro Universitário do Norte (2011). Especialista em Educação Ambiental com ênfase em Espaços Educadores Sustentáveis (2016) pela Universidade Federal do Amazonas. Mestra em Letras — Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Amazonas (2019). Professora de Língua Inglesa da Secretaria Municipal de Educação de Manaus (SEMED). Professora substituta da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), no curso de Letras — Língua Inglesa Mediado por Tecnologia, atuando no município de Careiro Castanho. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Línguas, Ensino-Aprendizagem e Docência na Amazônia (LEnDA).

Thiago Eugênio Gomes

Graduado em Letras — Língua Inglesa pela Universidade Federal do Amazonas (2008). Mestre em Letras — Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Amazonas (2020). Professor de Língua Inglesa da Secretaria Municipal de Educação de Manaus (SEMED). Professor substituto da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), no curso de Letras — Língua Inglesa Mediado por Tecnologia, atuando no município de Itacoatiara. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Línguas, Ensino-Aprendizagem e Docência na Amazônia (LEnDA).

SOBRE OS AUTORES

Turma do município de Careiro Castanho

Ana Beatriz de Souza Pinheiro

Natural de Manaus, Amazonas. Acadêmica do curso de Letras — Língua Inglesa na Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Estagiária no Cartório Extrajudicial da Comarca de Careiro.

Antonio José Costa Lima

Acadêmico do curso de Licenciatura em Letras — Língua Inglesa. Servidor da Prefeitura de Careiro Castanho, atuando na Secretaria Municipal de Educação (SEMED).

Carla Karolina Carvalho da Silva

Natural de Manaus, Amazonas. Formada em Técnico em Enfermagem. Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras — Língua Inglesa da Universidade do Estado do Amazonas. Bolsista na Universidade Uniasselvi, no curso de Bacharelado em Administração. Estagiária da Defensoria Pública do Estado do Amazonas.

Dayanne Falcão de Araújo

Natural de Manaus, Amazonas. Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras — Língua Inglesa, da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Servidora Pública na Prefeitura Municipal de Careiro, AM.

Dieni de Souza Rebouças

Natural de Careiro, Amazonas. Formada em Tecnologia em Gestão Pública pela Universidade do Estado do Amazonas. Especialista em Administração de Pessoas pela Uniasselvi. Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras — Língua Inglesa na Universidade do Estado do Amazonas. Servidora Pública na Prefeitura Municipal de Careiro, AM.

Elias Maciel de Castro

Natural de Careiro Castanho, Amazonas. Formado em Tecnologia e Educação Superior. Acadêmico do curso de Letras — Língua Inglesa, da Universidade do Estado do Amazonas. Professor da rede municipal de Educação de Careiro.

Emilly Gabriely Pinheiro Menezes

Acadêmica do curso de Letras — Língua Inglesa, da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Bolsista do Projeto STEM Criar, atuando como mentora de alunos do Ensino Médio da Secretaria Estadual de Educação — SEDUC.

Gabrielly Castro Portugal

Natural de Careiro, Amazonas. Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras — Língua Inglesa na Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Atua como secretária no Centro Educacional de Tempo Integral Profa. Adelaide Marinho Hortêncio, onde contribui para a organização e eficiência administrativa da instituição.

Geiziane Santos da Silva

Natural de Manacapuru, Amazonas. Acadêmica de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Uniasselvi. Acadêmica de Licenciatura em Letras — Língua Inglesa na Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Servidora da prefeitura do Careiro Castanho, atuando na Secretaria Municipal da Educação (SEMED).

Hanaíra Boneth Pedrosa

Natural de Manaus, Amazonas. Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras — de Língua Inglesa, da Universidade Estadual do Amazonas (UEA) no município do Careiro. Servidora pública da Secretaria Estadual de Educação.

Jaiana da Silva Moura

Natural de Careiro, AM. Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras — Língua Inglesa, da Universidade Estadual do Amazonas (UEA). Professora da Secretaria Municipal de Educação de Careiro.

Jean Oliveira da Silva

Natural de Manaquiri, Amazonas. Formado em Técnico em Administração. Atuou como Instrutor de Informática prestando serviços durante 09 anos no Centro de Educação Tecnológica do Amazonas (CETAM). Acadêmico do curso de Licenciatura em Letras — Língua Inglesa da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

Karen Pricila Santos de Lima

Acadêmica do curso de Letras — Língua Inglesa pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Formada em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Leonardo Da Vinci. Artesã ribeirinha da comunidade do Tupaninha no Careiro Castanho.

Lizandra Souza e Souza

Natural de Careiro, AM. Técnica em Enfermagem. Formada em Bacharelado em Saúde Coletiva pela Universidade do Estado do Amazonas. Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras — Língua Inglesa. Servidora pública do Estado do Amazonas.

Luzia Célia Saturnino dos Santos

Técnica em informática. Acadêmica do curso de Engenharia de Software no Centro Universitário Unifavip — Wyden. Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras Língua Inglesa na Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Bolsista no projeto Práticas de Leitura por meio das obras de Hans Christian Andersen, da Assessoria de Relações Internacionais da (UEA/ARI).

Manoelle Carvalho dos Santos

Natural de Manaquiri, Amazonas. Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras — Língua Inglesa na Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Estagiária no Centro de Educação Tecnológica do Amazonas (CETAM).

Maria do Carmo Gomes da Silva

Natural de Manaus, Amazonas. Formada em Pedagogia e Licenciatura Plena em Teologia. Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras — Língua

Inglesa na Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Coordenadora na empresa M.A transporte e CIA.

Neire Lucia Cardoso do Nascimento

Natural de Manaus, AM. Graduada em Pedagogia. Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras — Língua Inglesa, da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Professora da Secretaria Municipal de Educação de Careiro, AM.

Patrícia Peroba de Lima Enedino

Natural de Careiro, Amazonas. Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras — Língua Inglesa na Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

Rayna Cavalcante de Oliveira

Natural de Careiro, AM. Acadêmica do Curso de Letras — Língua inglesa, na Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Acadêmica de Pedagogia na UNIASSELVI. Professora da Secretaria Municipal de Educação de Careiro.

Rogério Hermano Silveira e Silva

Natural de Manaus, Amazonas. Acadêmico de Licenciatura em Letras — Língua Inglesa na Universidade Estadual do Amazonas (UEA), e em Engenharia de Software no Centro Universitário Unifavip.

Ruana Nicolley Carvalho Marques

Natural de Manaus, Amazonas. Formada em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Uniasselvi. Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras — Língua Inglesa na Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Servidora Pública na Prefeitura Municipal de Careiro, Amazonas.

Thaise Leite da Silva

Natural de Careiro, Amazonas. Formada em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Uniasselvi. Acadêmica do de Licenciatura em Letras — Língua Inglesa na Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Servidora Pública na Prefeitura Municipal de Careiro, Amazonas.

Vitória Yngredy dos Santos Gomes

Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras — Língua Inglesa na Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

Turma do município de Itacoatiara

Alex Dilson Vasconcelos da Silva

Natural de Itacoatiara/AM. Acadêmico do curso de Licenciatura em Letras — Língua Inglesa na Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

Arícia Kímbelyn Souza de Azevedo

Natural de Itapiranga/AM. Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras — Língua Inglesa na Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

Artemiza Oliveira Lima

Natural de Itacoatiara/AM. Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras — Língua Inglesa na Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Enfermeira.

Beatriz Viana Soares

Natural de Silves/AM. Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras — Língua Inglesa na Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Bolsista do Programa Biblioteca Comunitária: um ponto de cultura e humanização (UEA/PROEX/CESIT).

Daiane Castro Rodrigues

Natural de Itacoatiara/AM. Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras — Língua Inglesa na Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

Daniele da Costa Presley

Natural de Itacoatiara/AM. Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras — Língua Inglesa na Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Bolsista do Projeto Stepping Stones — Inglês como Língua Adicional (UEA/PROEX/CESIT).

Eduarda da Pena Fonseca

Natural de Itacoatiara/AM. Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras — Língua Inglesa na Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

Evelyn Glenda Flores dos Santos Borges

Natural de Itacoatiara/AM. Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras — Língua Inglesa na Universidade do Estado do Amazonas (UEA).
Assessora Administrativa.

Geovana Ramos Melo

Natural de Itacoatiara/AM. Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras — Língua Inglesa na Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Bolsista do Programa Pro-InovaLab (UEA/PROEX/CESIT).

Gizele Medeiros da Cruz

Natural de Silves/AM. Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras — Língua Inglesa na Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

Heloisa Dos Santos Pereira

Natural de Itacoatiara/AM. Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras — Língua Inglesa na Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

Jairo Martins Ferreira

Natural de Itacoatiara/AM. Acadêmico do curso de Licenciatura em Letras — Língua Inglesa na Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

Jose Everton Maia da Silva

Natural de Barreirinha/AM. Acadêmico do curso de Licenciatura em Letras — Língua Inglesa na Universidade do Estado do Amazonas (UEA).
Estagiário da Coordenadoria de Tecnologia da Comunicação e Informação (UEA/CTIC).

Jhulyane Cristine Silva Santos

Natural de Itacoatiara/AM. Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras — Língua Inglesa na Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

Lealssis Felipe do Nascimento Serrão

Natural de Maués/AM. Acadêmico do curso de Licenciatura em Letras — Língua Inglesa na Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Professor de inglês.

Luís Henrique Pereira Pinto

Natural de Itacoatiara/AM. Acadêmico do curso de Licenciatura em Letras — Língua Inglesa na Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Bolsista do Projeto Stepping Stones — Inglês como Língua Adicional (UEA/PROEX/CESIT).

Madeson Alves de Freitas

Natural de Itacoatiara/AM. Acadêmico do curso de Licenciatura em Letras — Língua Inglesa na Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Músico.

Maria Vitória Castro da Silva

Natural de Itacoatiara/AM. Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras — Língua Inglesa na Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Operadora Portuária.

Marivânia Stefany Nogueira Belém

Natural de Itacoatiara/AM. Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras — Língua Inglesa na Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Bolsista do Programa Biblioteca Comunitária: um ponto de cultura e humanização (UEA/PROEX/CESIT).

Michael de Souza Lima

Natural de Itacoatiara/AM. Acadêmico do curso de Licenciatura em Letras — Língua Inglesa na Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Cantor.

Rafael Raposo Ramos

Natural de Itacoatiara/AM. Acadêmico do curso de Licenciatura em Letras — Língua Inglesa na Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

Reynaila Miranda dos Santos

Natural de Itacoatiara/AM. Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras — Língua Inglesa na Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Bolsista do Programa Pro-InovaLab (UEA/PROEX/CESIT).

Rosiele da Silva Carvalho

Natural de Manaus/AM. Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras — Língua Inglesa na Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Bolsista do Projeto Desestrangeirando para Internacionalizar (UEA/ARI).

Sara Rebeca Ramos Santos Sales

Natural de Itapiranga/AM. Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras — Língua Inglesa na Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Bolsista do Projeto Stepping Stones — Inglês como Língua Adicional (UEA/PROEX/CESIT).

Tayane Neves Lopes

Natural de Itacoatiara/AM. Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras — Língua Inglesa na Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Bolsista do Projeto Stepping Stones — Inglês como Língua Adicional (UEA/PROEX/CESIT).

Zeliane Carvalho Pinheiro

Natural de Itacoatiara/AM. Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras — Língua Inglesa na Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Bolsista do Projeto Stepping Stones — Inglês como Língua Adicional (UEA/PROEX/CESIT) e orientanda do Programa de Iniciação Científica (UEA).

título Coleção Abacaba:
minicontos inspirados na jornada do herói

organizadores Érica Amorim
Thiago Eugênio Gomes

tipografias Active One
Change
DK Downward Fall
Franklin Ghotic

número de páginas 123

Dezembro de dois mil e vinte e cinco, sete anos após a publicação da obra *Contos encantados da América Latina*, de Celina Bodenmüller e Fabiana Prando.



para conhecer mais da *editoraUEA* e de nossas publicações,
acesse o qr code abaixo



ueaeditora





ypú



editora
UEA



UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

